

AÍDEIA NACIONAL

REVISTA MONARCHICA SEMANAL ILLUSTRADA ·
POLITICA · ARTE · LITTERATURA · MODAS ·
ELEGANCIAS · SPORT · ESCRIPTORIOS · PRAÇA
LUIZ DE CAMÕES, 46 · LISBOA · · · · ·

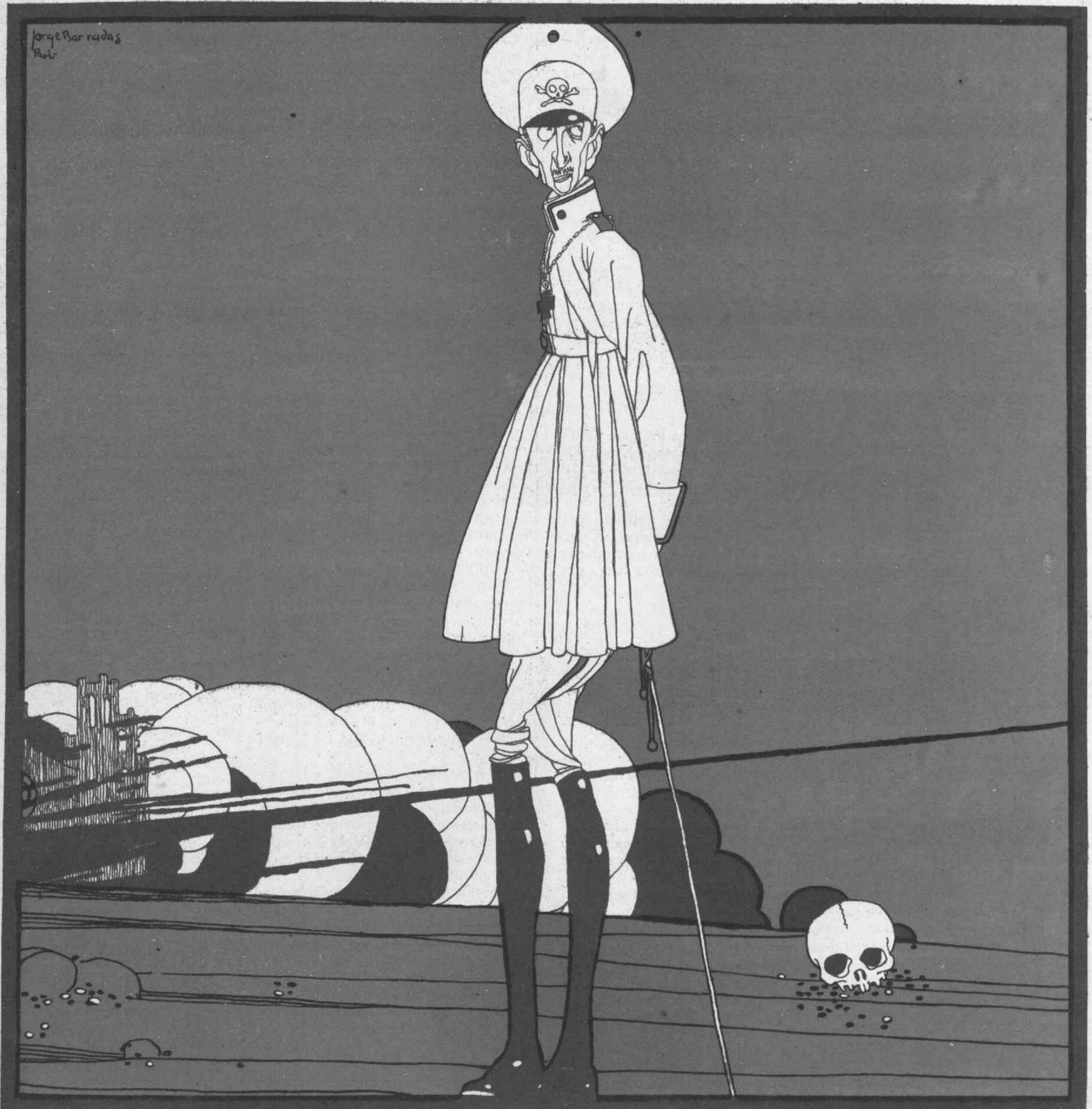
JOÃO DO AMARAL
REDACTOR EM CHEFE

HOMEM CHRISTO FILHO

DIRECTOR
DOMINGOS CARVALHO MEGRE
GERENTE

PROPRIEDADE DE HOMEM CHRISTO FILHO E DOMIN-
GOS MEGRE · EDITOR · ANTONIO COSTA · COM-
POSTO E IMPRESSO · GRUPO LINOTYPISTA · RUA
DO POÇO DOS NEGROS, 81 · · · · ·

JOSÉ PACHECO
REDACTOR ARTISTICO



(Desenho de Jorge Barradas)

O PRINCIPE HERDEIRO DA MORTE



A SEMANA

POR

ALVARO PINHEIRO CHAGAS



N'ESSA noite demorára-me até tarde em Lisboa. Passava já das onze quando me vi no meio da rua, terminada a tarefa que me prendera até então, e livre enfim de tomar o comboio que me conduziria á povoação dos arrabaldes onde tranquillamente durmo e trabalho sem que me firam os ouvidos os pregões dos jornaes ou o arripiante roçar das rodas dos electricos nas curvas dos rails.

Apenas de vez em quando, em meio do calmo silencio da noite que me envolve a moradia, me chegam os silvos do comboio ou o zenido de algum automovel deslizando rapido na mancha esbranquiçada da estrada.

Tão raras vezes me apanha a noite ainda em Lisboa, que d'essa vez, ao achar-me seguindo o *trottoir* junto da *Brazileira* a caminho da estação, sentia-me um pouco atordoado com o movimento, a luz e a vida da cidade.

Grupos animados discutiam ás portas dos cafés e das tabacarias e na borda dos passeios. Damas sós ou mal acompanhadas sardavam sorrindo e galhofando. Garotos de jornaes atiravam os seus pregões para os electricos que passavam. E, raramente, uma ou outra familia burgueza, filhas á frente, mãe e pae atraz, insinuava-se por entre os grupos procurando, como que surrateiramente, escapulir-se em busca do carro que a levasse a casa.

Em todo o meu caminhar pelas ruas chamara-me a attenção uma fita de papel repetindo-se constantemente nas paredes, n'uma insistencia de reclame a celebridade mundial prestes a exhibirse no Colyseu.

Por fim não resisti á curiosidade e approximando-me d'uma d'essas fitas constatei, impressionado e surprehendido, que n'ella se recommendava ao respeitavel publico, tratando-o por tu, que defenda a Patria, odeie o inimigo, despreze os boateiros e vigie os espiões, Pensativamente deixei-me ficar olhando as letras negras destacando-se na brancura do papel.

Defende a Patria!...

Pois quê!... Que se defenda a Patria é cousa que se recomende assim seccamente, laconicamente, em tiras de papel pegadas nas paredes, como se se tratasse de recommendar um elixir para os dentes ou um remedio para os callos?

Em toda a parte se tem visto, e infelizmente tem sido frequentes e numerosos os exemplos d'estes ultimos annos, quando uma guerra se declara e a Patria corre perigo, entusiasmar os cidadãos com proclamações patrióticas, despertando-lhes o ardor guerreiro, fazendo-lhes vibrar a corda do patriotismo, apontando-lhe as razões de queixa contra o inimigo, dando realce ás affrontas que d'elle se receberam, o mal que elle lhes quer; descrevendo-lhes os perigos que se correm, os riscos em que se está, a necessidade que urge de que todos corram a cumprir o seu dever, unindo-se irmamente na lucta contra o adversario.

Dessas proclamações resulta naturalmente em todo aquelle que não sentiu desde logo, espontaneamente, a vibração do amor patrio e a excitação do ardor guerreiro, a convicção de que tem de correr em defeza da Patria por todas aquellas razões que na proclamação se

expõem, ou o desejo de responder ao appello que em linguagem patriótica entusiasticamente ali lhe fazem.

Mas em parte alguma se viu jámais que se proclamasse a necessidade de defender a Patria dizendo-se seccamente, laconicamente e imperativamente ao transeunte descuidado: *Defende a Patria*, como se lhe diria: *Bebe agua do Luzo*.

Tal processo affigura-se-me absolutamente improductivo nos seus resultados como propaganda.

Se a Patria está em perigo a recommendação secca e laconica de que a defendam, feita em tiras de papel pelas esquinas, de nada serve, porque aquelles que não corram a defendel-a sabendo-a em perigo, não mudam de proposito porque um gremio qualquer se lembre de lh'o recommendar, sob a forma imperativa, em cartazes mais ou menos profusamente espalhados pelas paredes da cidade.

Embora haja muito quem não o creia, a verdade é que a Patria está em perigo.

E estando em perigo a Patria e sendo necessario que todos o comprehendam e se unam para a sua defeza,

affigura-se-me mais naturalmente indicado que se descreva ao publico o perigo em que a Patria está e para o seu patriotismo se appelle reclamando-lhe que corra em sua defeza,

Co'a bréca!... se querem ser laconicos e catheticos, digam muito simplesmente nas tirinhas de papel: *A Patria está em perigo!* e podem crêr que, se por essa fórma não conseguirem vencer os outros a que a defendam, muito menos o conseguem com as tirinhas que por ahi pegaram agora.

De resto a chafarica que mandou affixar nas paredes o papelinho, nem teve ao menos o bom senso de se deixar ficar pelo *Defende a Patria*.

Entendeu recommendar em seguida: *Odeia o inimigo*.

Debil confiança parecem ter, os que tal recommendam, no seu proprio amor á Patria e no dos outros, para que assim julguem necessario o incital-o e reforçal-o com o odio ao inimigo.

O amor á Patria não implica o odio ao inimigo, e para que se defenda com entusiasmo, com ardor a terra em que se nasceu, não é necessario odiar aquelles que a ataquem.

Em França, na França admiravel que se bate com um espirito de sacrificio e uma commovedora coragem que por nenhum outro paiz foram ainda egualados, nem se odeia o inimigo nem ninguem pensa ou tenta despertar esse

odio na população. A França sente que no seu amor patrio encontra a força necessaria para se lançar contra o adversario, e não pensa em macular a pureza d'esse sentimento com a fealdade e a negrura do odio.

A recommendação da tirinha de papel além de ser antipathica, é inutil, porque o odio não se recommenda, e suppôr que se odeia alguém por ordem superior, recommendação especial ou pedido particular, é o mesmo que suppôr que basta dizer-se: *Constipa-te...* para que toda a gente desate logo a espirrar.

Inutil e antipathica pois a recommendação *Odeia o inimigo*, como desastrada e contraproducente é a recommendação: *Despreza os boateiros*.

Despreza os boateiros!... Nunca!... Não os desprezes... desmente-os, se pudéres.

Desprezando-os ha todas as probabilidades não só de que elles se não importem absolutamente nada com isso, mas ainda de que, na maior parte dos casos, se commetta uma injustiça.

De facto, em geral os boateiros são creaturas que suppõem ingenuamente que as noticias ou os artigos que a censura corta nos jornaes representavam a narração ou a critica de outros tantos acontecimentos sensacionais que se pretende occultar do publico ou outras tantas gravissimas providencias tomadas em segredo para fazer face a temerosas occorrencias.

A creatura que teve noticia de que determinado incidente se deu corre anciosa aos jornaes a vêr o que n'elles se diz sobre o caso, e vendo que d'elle se guarda silencio e constatando que varios são os espaços em branco, logo suppõe ter sido a cousa muito mais grave do que lh'a dissera a noticia recebida, e muito naturalmente assim o observa áquelles com quem do caso se occupa.

Boateiros ha-os sempre nos momentos de crise como a que se atravessa em todo o mundo, e não é digno de desprezo o boateiro assustadiço do genero da *congierge* da minha casa em Paris, que me dizia no dia seguinte á declaração de guerra ter já ouvido os canhões allemaes troando proximo da cidade, como o não é o boateiro confiante, do genero da vendedora de jornaes que, pouco depois, me affirmava catheticamente, que n'essa noite o imperador Guilherme, de arrependido, chorára como uma creança.

Uns e outros são sinceros, e muitas vezes são precisamente aquelles que mais deveriam evitar que quaesquer boatos pudessem surgir, os que tem a principal responsabilidade na convicção com que esses boateiros affirmam e espallham os seus boatos.

Ainda ha dois dias, com o caso de Mafra, que hoje se sabe não ter tido importancia de maior, a ordem chronologica do apparecimento de duas noticias deu muito naturalmente occasião a que os boatos tomassem, sem má intenção, um aspecto grave.

Primeiro appareceu a noticia officiosa de que os acontecimentos não tinham tido importancia, e só depois appareceu a noticia de que o governo pedira auctorisação para suspender as garantias. Se é esta a primeira noticia que tem apparecido, o publico ao tomar conhecimento da outra, diria com os seus botões:

—A cousa ao principio pareceu feia, e tanto que o governo chegou a pedir

a suspensão de garantias, mas depois viu-se que não era cousa de importancia, e tanto que, lá diz a nota officiosa, não chegou a usar da auctorisação.

Apparecendo pela ordem porque appareceram as duas noticias, o publico muito naturalmente disse consigo:

—Elles disseram de manhã que fôra um incidente sem importancia, mas á tarde sempre foram pedindo auctorisação para suspender as garantias. Hum!... A cousa sempre foi mais seria do que elles pensavam!

Todos disseram isto mesmo. A unica differença foi que uns disseram-n'o com os seus botões, e esses foram os botoeiros, e outros disseram-n'o aos amigos e conhecidos, e esses foram os boateiros.

O sino de uma igreja proxima, batendo a meia noite, veio lembrar-me que a hora do comboio se approximava, e foi já apressando o passo, no receio de que se me fosse o meio de transporte antes de ter tempo de chegar á estação, que eu observei de mim para mim.

—*Vigia os espiões!*... Essa não está má!... Para vigiar os espiões é necessario saber quem são elles... E sabendo-se quem elles são, não ha que vigial-os, ha muito simplesmente que os prender. E para os prender é preciso ser policia ou revolucionario civil.

E, graças a Deus, não sou nem uma cousa nem outra.

ANSELMO

COISAS DE NADA

POR

ANTONIO CARNEIRO

Zelo policial

Ha varios guardas civis,
Que tendo o faro de cães
Andam por esse paiz,
A vêr se o fino nariz
Lhes dá rastro d'allemaes.

A's casas aonde vão,
Espreitam por baixo da cama,
Remechem todo o desvão,
E não escapa um allemão,
Mesmo que seja de mama.

Pessoa d'azul pupilla,
Está sujeita a duras leis;
Que o guarda, n'um prompto a fila
É só a deixa tranquilla
Depois de vêr-lhe os papeis.

Mas vejam como elles são,
E de que força inda os ha!
Ha dias, um cidadão,
Diz p'ra outro:—O' Salomão!
O' Salomão, anda cá.

Por um acaso infeliz,
Passava n'esse momento
Um dos taes guardas civis,
Que tem tão bom nariz
É andam d'ouvido attento.

Com seus ares de Ferrabraz,
Aspero, severo e hostil,
Mas zeloso e perspicaz,
Conduz o pobre rapaz
Para o governo civil.

Salomão inquire surprezo
O motivo da prisão.
É o guarda, d'olhar acceso:
—Você chama—s'alomão
É indaga porque está preso?!...

ANTONIO CARNEIRO

ESPECTACULO HEDIONDO

POR

HOMEM CHRISTOLHO



Passaram quinze dias sobre a publicação do nosso artigo *Quem são os traidores?* em torno do qual a imprensa republicana fez o mais rigoroso silencio.

N'esse artigo que tão grande successo obteve e que tão grandes applausos nos tem valido, reptávamos aquelles que nos accusam de sermos *traidores á Patria e de estarmos conspirando em pleno estado de guerra*, — nós, os monarchicos que desde a primeira hora nos declaramos promptos a defender a querida terra de Portugal, a que apresentassem as provas da traição e apontassem á indignação nacional os nomes dos traidores.

Até hoje, e já vão decorridas duas semanas, nem nomes de traidores nem provas de traição. Apareceram injurias, insinuações malevolas e calumnias n'*O Seculo*, n'*O Mundo*, n'*A Republica*. Sobre os taes manejos conspiratorios desde que entrámos em guerra com a Allemanha, sobre os taes entendimentos secretos com o inimigo, sobre os taes actos de traição, nem palavra.

Poderíamos tirar já da attitude dos nossos detractores a conclusão que se impõe. Não o faremos ainda. Pode ser que a *traição* esteja tão bem urdida e os seus auctores tão bem encobertos que nem o governo, nem a policia, nem as gazetas que servem ao regimen tenham tido tempo, em quinze dias, de lhes descobrir o rastro e as esmagadoras provas do seu crime.

Esperaremos mais oito dias, mostrando assim a nossa lealdade e a nossa cordura, que contrastam tão flagrantemente com a attitude dos nossos adversarios. Se o meu repto ficar sem respossto, como é fatal, o paiz saberá fazer a distincção que se impõe entre nós e *elles*. Não precisamos de commentar; a opinião publica se encarregará de o fazer expontaneamente.

Este facto e muitos outros que se tem passado nas ultimas semanas, symptomaticos da attitude dos partidarios do regimen, sugerem, porém, algumas considerações que não convem occultar para esclarecer definitivamente a nossa situação politica interna.

A primeira coisa que impressiona qualquer pessoa ao percorrer a imprensa diaria é a campanha constante e cada vez mais intensa, dirigida em todos os jornaes republicanos—com excepção d'*A Lucta* e d'*A Opinião*, cuja attitude tem sido modelar—contra o partido monarchico e as suas figuras mais representativas.

A que visa essa campanha, odienta, miseravel, calumniosa, em que os factos e as palavras são systematicamente desvirtuados e deturpados? A que visa essa campanha? Lê-se e pasma-se da inconsciencia com que os partidarios d'um regimen que dispõe do poder e de todo o mecanismo da força organizada, fomentam dia a dia a desunião nacional em face do inimigo exterior.

Dizia-me ha pouco um illustre jornalista francez, meu collega na redacção d'um grande jornal parisiense, que esteve de passagem entre nós e observou a nossa vida politica, que sahia d'aqui com a convicção inabalavel de que o regimen estava morto e que a Monarchia seria em breve, logo que terminasse a guerra, um facto em Portugal. A pro-

va da força dos monarchicos seu dominio effectivo sobre a ide massa da nação, está, dizia-me, n'esta campanha unanime e vitissima da imprensa republicana. Ica se viu, em paiz algum, tamanhatividade e tamanha insistencia da p das folhas governamentais contra posição. E' um facto novo, um factoco, que revela apenas a impotencia do regimen e a sua falta de auidade sobre as formidaveis correntesopinão publica nacional.

Pois se os monarchicos não valem nada, se os monarchicos tem força no paiz, — como prdem os governamentais—para qu a que visa esta campanha de todos lias e de todas as horas? Simples ifestação de odio, de baixa vingança vil represalia?

O meu illustre amigo podia conformar-se com esta sega hypothese que o seu espirito luciepellia, por ser contraria aos mais eentares fundamentos da psycholo collectiva. Um adversario fraco e smeios de acção, sem ambiente, sem andes condições de victoria não inspo odio, a colera mal contida, o recamanifesto, a energia desesperada quizia-me elle, se espalha com violia na imprensa governamental. Im momento tão grave para a existe d'um povo não se explica que todas forças do poder estejam concentra no combate a um perigo que os pros combatentes affirmam não exist Ha tantas questões vitae a estud a discutir e a resolver em Portugal: só por uma morbida allucinação deiidora se poderia comprehender seihante attitude. O meu interlocutor rangeiro não admittia que a loucura esse invadido a tal ponto as regiões doder.

Mas n'este caso, exclava, attonito, o escriptor francez a que venho referindo e que é dos maislustres do seu paiz, n'este caso o govo que tem a seu cargo a manutencãa paz interna para fazer face á gravituacão internacional está permittin uma obra criminosa cujo resultado dubitavel será uma revolução, uma sa perturbação da ordem publica com das as suas tristes consequencias.

Se os monarchicos e affirmaram prestes, desde o prime dia da declaração da guerra e pela cca do seu Soberano, a depôr as su armas politicas para empunharem penas aquellas com que se defende a iependencia da Patria; se a imprensa o partido, pela voz dos seus orgãos ma auctorizados, aconselha todos os dias calma, o respeito da auctoridade cstituida e condemna todas as velleides de revolta, como se verifica facilmente, deixando para depois da guerra aolução do problema interno, o dever iperioso do governo da republica e dtodos os seus defensores era aceitar agradecer com palavras de reconhecimento e de justiça esse importantissimoconcurso, prestando homenagem á isição e ao patriotismo dos seus advearios.

O contrario é um absto, um inconcebivel absurdo. Por mhores que se-

jam as intenções e por maior que seja a longanimidade dos monarchicos, sentindo-se injuriados, offendidos, agravados todos os dias na sua honra pessoal e collectiva, accusados de terem entendimentos com o inimigo, de fazerem votos pelo seu triumpho, de serem *traidores á Patria*, a irritação surda, a indignação profunda que ha-de lavrar nas fileiras do seu partido, dizia-me o meu amigo francez, acabará fatalmente por estalar n'uma formidavel explosão de colera cujas consequencias não é possivel prever no momento actual.

Não quizemos ouvir mais, tão rigorosamente logicas eram as considerações e as deducções tiradas pelo estrangeiro de factos por elle directamente observados.

Essas verdades sangrentas que ouvi da bocca d'um extranho, eu proprio a tinha sentido pesar dolorosamente sobre o meu coração amargurado de patriota.

Acostumado a viver n'um meio diferente, com uma mentalidade differente, com uma alma e processos differentes, eu sou inteiramente, absolutamente incompativel com o espectáculo vergonhoso que estão contemplando, sem paixão, os meus olhos imparciaes que vinham de lá de fóra, dos paizes onde os homens luctam, onde os homens se batem e morrem pelo futuro da Patria com os olhos postos em Deus, maravilhados de tanta abnegação e de tanta grandeza.

Fiz reaparecer *A Ideia Nacional*, com o apoio d'alguns amigos tão sinceros como eu, e transportei-me a Portugal, onde não resido ha muitos annos, com o unico fim de bem servir a minha Patria n'esta hora grave da sua existencia e de prestar o meu humilissimo concurso á obra pacificadora de El-Rei. Julguei que o perigo collectivo, a visão do abysmo que ameaça subverter esta raça com todo o seu passado de gloria, com todas as esperanças no futuro que illuminam as almas dos moços, tivesse o condão de extinguir as paixões ruins, acalmar as coleras injustas e reunir todos os portuguezes sob a bandeira commum do nosso ceu e do nosso mar. Julguei que a convulsão europeia, succedendo esta boa terra latina, tivesse secado a agua immunda do pantano que eu deixára, matando os daminhos parasitas que n'elle viviam, e tivessem surgido, das profundezas do solo, os heroes d'uma nova epopeia. Julguei que ao apparellhar as armas para o combate a gente lusitana tivesse coberto, com o tinir das espadas, o zumbido da calumnia...

Enganei-me. As minhas esperanças foram-se dissipando uma a uma. Isto é o mais vil vespeiro que existe na Europa, verdadeira caverna de brigões onde se assalta a honra alheia com a mesma facilidade e pelos mesmos procesos com que se arranca, na estrada, a bolsa e a vida ao transeunte. Acostumado a lidar com gentis-homens eu não sei, confesso, tratar com vilões.

A Ideia Nacional, os meus amigos e eu fomos recebidos pela gente do regimen na ponta das navalhas, embora a pureza dos nossos intuitos patrioticos ressaltasse nitidamente da nossa irreprensivel attitude. A' nossa cordura, á nossa lealdade respondeu-se da maneira mais infame e miseravel. Em toda a parte se defende, com uma espada, á luz rutilante do sol, a nossa honra

ultrajada e eu costumo marcar na face quem ousa attingil-a; em toda a parte se respeita esta forma de derimir contendas e lavar offensas. Em Portugal, não. A navalha traiçoeira e cobarde do fadista substituiu a espada do cavalleiro; e não é á luz do sol, mas na sombra da noite, que os brigões da nossa terra liquidam as suas rixas.

Jogar a navalha não sei, nem quero. Tenho o mais fundo horror d'essa arma vil. Os servidores do regimen atacam-me e atacam *A Ideia Nacional*, traiçoeiramente, de navalha nos dentes. Não sei defender-me. Não me defenderei porque não quero collaborar n'esta vergonha, nem directa nem indirectamente, porque não quero que o meu nome e o nome dos meus filhos fique de qualquer forma ligado ao opprobrio d'um povo que se dilacera ignominiosamente quando os mais graves perigos ameaçam a sua existencia.

Sobre os traidores, sobre os obreiros consciences ou inconscientes d'este espectáculo hediondo recahirá a maldição da historia. Sobre mim, não!

Luctarei, para evitar esse desastre, para honra do meu nome, emquanto possa. Quando o nojo me invadir a tal ponto que me paralyse todos os movimentos, deixarei o meu logar a mais esforçado combatente. Por mim já me convenci inabalavelmente que tudo são gestos vão e sacrificios inuteis.

Quod di omen avertant!

HOMEM CHRISTO FILHO

A Belleza Alemtejana

Realizou-se na passada segunda-feira, 12 do corrente, no salão nobre da Liga Naval, a annunciada conferencia do nosso illustre e querido amigo sr. dr. Pires de Lima.

O conferente começou por um verdadeiro hymno ás maravilhas da paizagem portugueza, evocando a vida de cada região nitidamente caracterizada, a tradição, os costumes, o espirito de simplicidade e de crença e, sobretudo, de patriotismo.

Appareceu em seguida o alemtejano falando da sua provincia, n'aquelle entusiasmo e incisiva observação e amor regionalista, que é seguro indicio do triumpho do movimento nacionalista que se está esboçando por todo o paiz. Dentro dos seus bellos pontos de vista, prestou tambem homenagem aos que na tela, na prosa e no verso tem retratado a vida alemtejana, indicando como primaciaes el-rei D. Carlos, o conde de Monsaraz, Fialho d'Almeida e o novo talento de Mario Beirão. E' uma litteratura e uma arte, cantando um solo uberrimo, uma paizagem de deslumbramento e um ceu purissimo.

O sr. dr. Pires de Lima é um admiravel alemtejano, cheio de talento e de visão clara, dando um bello exemplo e uma nota muito simpatica, n'um paiz que pouco mais é que indifferente perante as bellezas naturaes mais surprehenderes do mundo.

Se todas as provincias tivessem um regionalista de talento e entusiasta pela sua terra, como o sr. dr. Pires, a historia de Portugal estaria hoje feita com toda a verdade.

A escolha do thema foi muito feliz. Estamos certos que terá imitadores; e o Minho gracioso, Tras-os-Montes rude e forte e a Beira da lenda e dos homens de pulso, serão estudados a valer, resultando d'este amor regionalista um maior amor da Patria.

O sr. dr. Pires de Lima foi muito ovacionado e cumprimentado.

No «écran» foram projectados interessantes diapositivos do Alemtejo.

Os srs. conde de Monsaraz e dr. Antonio Sardinha leram lugares selectos de escriptores alemtejanos.

O PADRÃO DE BEEM

POR

ROCHA MARTINS

TINHAM-ME dito que resolução de muito acerto para tristes era assistir ás sessões da vereação municipal. Narravam aneddotas com ancias de nos influirem a esse passo do qual trariam com uma pagina d'história contemporânea, na sua parte comica; uma barrigada de riso.

Na nossa vida de trabalho nem para as sessões do parlamento, divertidas como scenas de Colyseu, temos tempo quanto mais para esse concurso risível do senado da Camara onde, pelos modos, chufam os eleitos.

Mas ao nosso retiro elles veem com a sua soada de guiseiras jogralescas fazer-nos saltar a gargalhada; os jornaes, n'uma singular troça, deixam archivadas nas suas paginas as idéias dos edis recrutados entre os mais jocosos indivíduos portugueses ao que se vê.

Dizia, ha dias, *O Diario de Noticias*, referindo a sessão camararia que um vereador, dos mais atilados sem duvida, pois mette funda a unha na história nacional como quem nunca tivesse feito outra coisa, pedira para se deitarem abaixo as casas do Chão Salgado, em Belem, que *propositadamente os reaccionarios tinham mandado construir em volta do padrão liberal dos Tavoras, traidores á Patria e oppressores do Povo*.

Não havia duvida. Quem nos informava tinha razão. A sessão em que disseram taes coisas e a acta em que disvram devem equivaler a um tirocinio para clown gracioso e a um papel de comico de pista, que não se deve deixar d'indicar, a bem dos creditos patuscos nacionaes, ao sr. commendador Antonio Santos, emprezario do Colyseu, sempre á cata de bons numeros.

Chamar Padrão Liberal ao obelisco de Belem é imaginar que o marquez de Pombal foi, conforme o criterio dos pasteleiros, preguistas e caixeirotes que dirigem a maçonaria em Portugal — e só aqui ella é assim conduzida — o primeiro amigo do liberalismo. Ha quem o imagine, adentro da ignorancia republicana, o primeiro jacobino, quem desejasse até nomeal-o patrono d'um Centro Democratico, na boa hora em que o sr. Affonso Costa disse ter-lhe herdado a alma, demonstrando assim que é um reaccionario por acreditar em alma e por se equiparar ao marquez.

Pombal—saibam-nos os membros do Registo Civil, das Parochias, os regedores jacobinos, os vereadores jocosos e o proprio *estadista* que tomou o pulso á cobardia nacional — foi um grande, um singular, um extranho reaccionario.

A elle se deveu o engrandecimento do poder do Rei, que era o seu poder, no fim de contas, pois enquanto D. José I estava ao torno, o marquez occupava o throno. Era elle quem atacava tudo quanto tocasse na Magestade porque era o Soberano.

A nobreza do reino sentiu o entrechoque da sua furia de pequeno morgado ambicioso, que se curvava reverente ante os jesuitas e á sua sombra subia, pedia licença ao Papa para ler diversos livros de botanica, dava á Inquisição o titulo de Magestade e voltava-se para a Egreja com supersticiosos fins nos momentos amargos da sua queda.

Uma alma ambiciosa, rigida no interesse da sua obra politica, a mais reaccionaria, tal era esse estadista que a corrente estúpida da nossa terra pre-

tende ver com um barrete phrygio sobre a cabelleira e com um triangulo masonicno no escudo, só porque expulsou os jesuitas, por uma medida politica, que não vem para aqui e fez erguer cadafalso aos quaes subiu a nobreza, abriu masmorras onde agonisaram os maiores fidalgos, aquelles que se levantavam contra a sua tyrannia. Ninguem, d'essa numerosa seita que prêga aos domingos pelos clubs, tem a coragem de fallar nos pobres immolados nos carcerees inquisitoriaes, nos humildes queimados no Porto para se fazer uma companhia poderosa onde Pombal tinha interesses; no fogo lançado á Trafaria destruindo as barracas de pescadores, abatendo lares n'aquelle povoado cercado de tropas onde Monchique—o futuro intendente — brilhou por essas scintillações tragicas aos olhos do ministro.

A população dormia; vieram vagarosamente os soldados cercando n'um momento o povoado até á praia para que não pudesse escapar um só dos pescadores que se queriam passar para o serviço militar; barricadas de alcatrão despejaram-se junto aos recolhimentos e dentro em pouco acossados pelas labaredas, os fatos em chaminas, os homens corriam para o mar, onde se espelhavam os lumes vermelhos, e encontravam na frente as bayonetas luzindo; outros cahiam no incendio e as suas carnes consumiam-se entre gritos; creanças eram torriseadas, as mães morriam abraçadas aos filhos. Teve este espectáculo, que o vento da manhã acabou de varrer, a sua origem na colera subita do ministro ante o povo farto da sua truculenta dictadura, buscando furtar-se ao despotismo da sua vontade; a carnificina do Porto nasceu dos pobres não se quererem despojar a bem dos ricos, amigos do estadista.

Se é este o liberalismo amado dos jacobinos comprehendemol-o com o horror que elles nos fazem. E' todavia essa a alma que o seu chefe diz ter herdado.

Emquanto ao *Padrão Liberal*, como lhe chama o singular vereador, a sua historia é muito de se contar e esse nome que lhe dão agora devia esculdar os labios que o pronunciassem.

Attesta esa pedra o logar onde se ergueu um horrivel cadafalso ao qual subiram com os Aveiros, Athougias e Tavoras, os seus creados não porque fossem *traidores á Patria e oppressores do povo*, mas porque o duque d'Aveiro quiz vingar um ultrage real e os Tavoras foram immolados estando innocentes.

Lemos, já ha annos, todo o processo dos Tavoras. Nem um só facto se comprova, nem um só delicto se testemunha. Não estiveram na espera contra o Rei, não sahiram do seu palacio para assassinar D. José, tido por amante da marquezia nova, e denunciado, pelo alcaio real Pedro Teixeira, ao duque de Aveiro, como querido tambem pela duqueza, o que era tão falso como o liberalismo do ministro.

Os Tavoras—*os taes traidores á Patria e oppressores do Povo* do vereador republicano—tinham na ascendencia os mais patrioticos soldados; alguns d'elles mesmo pela terra portugueza se tinham exposto; ao povo repugnou esse cadafalso cercado de soldados e do qual não o deixaram approximar-se.

Mas porque se envolveu a familia Tavora no crime do attentado do duque d'Aveiro contra o Rei, de resto difficil de provar claramente na Historia?!

Porque marquez de Pombal tendo recebido milhação de lhe recusarem a mão da Tavora para um dos seus filhos, o mais tarde devia obrigar uma nobre herdeira, D. Isabel Juliana deusa Coutinho a casar com um dos entos da sua casa se quiz vingar.

Consu-se o acto mas jámais os labios debel Juliana se encontraram com os d'arido e nunca a sua carne com a d'teve contacto. O amor por um outra força aquella alma feminina paraistir ao tyranno.

Os Tavs, porém, tinham outro delictos con nobreza toda, aos olhos de Pombal, o acceptavam, buscavam antepôr-se seu poder. Facil era fazer appar aos olhos do fraco Rei conjuras o as de seu tio D. Pedro II contra unso VI. O espectro de um Rei mettia'uma masmorra allucinava D. José nobreza accusada ou subia ao cialso ou ia apodrecer nas fortalezass condemnadas que subiram ao paulo de Belem, esses Tavoras—*Traies á patria e oppressores do povo*—ha muito estão rehabilitados como ityres.

N'aquelnanhã pallida de novembro o cadab, cercado de dragões, viu subir a bemarkenza de Tavora, a quem desá prisão, havia um mez não deixav mudar de roupa. Deceparam-lhe a peça altiva depois de lhe terem moslo as aspas, os martellos, as rodas, instrumentos de tortura com que imatar lentamente o seu marido, segenro, seus filhos, todos tão innocer como ella. Assim succedera; os cascos estavam cançados de tanto tortu, os ossos das pernas dos reus estalan, as suas veias distendiam-se ao em içados, martellava-se nos seus estagos, em frente da soldadesca ateri, do Tejo que rugia, ao mesmo tem que se ia amontoando a lenha e o alrão sob o patibulo.

A situação de Moçambique

POR

LOURENÇO CAYOLLA

Agnatura do *modus vivendi* o o Transvaal salvára este nissimo estado d'um perigo e ameaçava destruir a sua pncipal industria, promovendo um largo recrutamento mão d'obra para as minas Rand na nossa provincia de Moçambique codificára consideravelmente as condições economicas da mesma provincia. Mas esseccordo era por sua propria natureza tranorio e instavel. Permittia, como na realde succedeu, modificações constantes, qforam pouco a pouco cercendo as vengens que primeiro alcançaramos e á meia que a industria mineira se ia emancipando da dependencia absoluta em que chegára estar dos braços dos nossos indigenas, reclamações do Natal, invejoso das prerogativas do porto e do caminho de ferre Lourenço Marques, começaram a ser oidas com maior attenção e attendidas nasuas exigencias mais absurdas e injustas ntra os nossos legitimos interesses. Tudos aconselhava pois a que diligenciassem substituir aquelle convenio por um outro mais firme e insophismavel, á sombra e cujas disposições quizessem procuraam futuro mais seguro para a economia dquella importantissima colonia. Ao Transvaal, pelo seu lado, tambem convinha cheg a um accordo definitivo comnosco ante de se resolver o problema, que então preocupava todos os espiritos da Africa do Sul, to é o da união ou federação do Cabo, Transvaal, Natal e Orange, porque depois já elle ao poderia resolver por si e

Depois dos amos os servos, tambem torturados, tambem com as carnes rasgadas n'aquella manhã pávida ao romper da aurora.

O vento soprando dos lados d'Alcantara ateava o fogo que se largára ao cadafalso e enquanto rechinavam as carnes dos mortos ouviam-se os gritos dos vivos, os seus gestos desordenados, no meio das chamas, eram terriveis á medida que tudo se ia queimando e só as as cadeias de ferro os ligavam ainda ás aspas chapeadas.

Acabada a carnificina as cinzas foram lançadas ao mar e d'uma janella do palacio d'Ajuda, o ministro, assistira ao varrer da ultima nuvem de fumo d'aquelle supplicio que lhe assegurava o poderio.

Mandou, então, erguer essa pedra onde se narra miseramente a historia do assassinio politico. Ali ficou como um phantasma do despotismo aos olhos das gerações.

Um vereador, com o criterio d'um alquilé, manda-o descobrir. Faz bem. O povo comprehenderá um dia a Historia como ella é e não como os jacobinos a deturpam, e então vêr-se-ha que o *Padrão Liberal* é apenas um padrão de tyrannia.

E' necessario que se desenganem. O marquez de Pombal, que teve facetas valiosas na sua obra, foi o reaccionario cuja alma o sr. Affonso Costa diz ter herdado; foi o despota, o tyranno que dava Magestade á Inquisição, pelo fogo anniquilava quem se erguia contra o seu poderio acabou que n'uma noite, com lama até aos joelhos na estrada escura d'Otta.

Mas isto é historia para mais largo estudo que o da pedra que a ignorancia e a estupidez chrismaram de *Padrão Liberal*, n'uma acta da sessão da Camara Municipal da primeira cidade do paiz.

Se Pombal, o ministro despotico, pudesse voltar com o seu poderio, assestaria a luneta de cabo, franzeria a sobrançella e assignaria uma ordem para o senhor corregedor do bairro mandar prender os do Senado da Camara que ou iriam remar nas galés ou lidar de direito na Torre de Bugio.

passaria a ter a sua acção absolutamente illaqueada e presa. Das negociações entabolladas pelo Transvaal e pelo governo geral de Moçambique resultou a Convenção de 1 de abril de 1909, valida por dez annos.

Todos se recordam ainda da apaixonada campanha politica que se fez então, considerando-se aggravado o prestigio do parlamento pelos direitos que o poder executivo a si mesmo concedeu e classificando-se como uma capitulação perante as exigencias da Inglaterra e forma como a convenção foi assignada pelo nosso negociador. Muitos dos que n'essa epocha se exprimiam com maior indignação, e formulavam os seus protestos em tons mais desabridos, são dos que hoje occupam as posições mais elevadas na administração publica e a consciencia se não estiver de todo adormecida, lhes dirá se o acto então praticado excedeu em docilidade e até em humilhação perante a nossa poderosa alliada a tantos e tantos que depois d'isso se teem realisado.

O nosso representante, sr. coronel Garcia Rosado, um official de brilhantes serviços em Africa e um colonial distinctissimo, viu-se n'uma situação muito difficil e embaraçosa. No programma da conferencia, que se devia reunir, em maio de 1908 em Pretoria, para tratar de questões aduaneiras, ferroviarias e talvez da federação ou união das quatro colonias britannicas, figurava a denuncia do *modus vivendi*. Já accentuámos quanto a revogação repentina d'esse diploma poderia ferir a economia da provincia de Moçambique, que se modificára radicalmente nos ultimos annos, vivendo em gran-

A IDEIA NACIONAL

de parte do trafego assegurado pelo *modus vivendi* ao porto e caminho de ferro de Lourenço Marques e dos recursos em ouro obtidos pela emigração para as minas. Precisavamos pois evitar esse golpe, até que nos preparássemos para a situação que resultaria da denuncia com que nos ameaçavam. O sr. Garcia Rosado conseguiu, na segunda reunião da conferencia de Pretoria, que fosse riscado do programma o numero relativo a essa denuncia e pudera desde logo entabolar com o Transvaal as negociações para se chegar a um tratado definitivo. Mas para isso o governo d'esta colonia impuzera a condição de que o resultado das negociações a que se chegasse constituiria um diploma que seria assignado, ou garantida a sua assignatura, antes de se abrir o Congresso, em que se deveria resolver a questão maxima da forma d'união das quatro colonias, sob um governo unico. Foi a 11 de outubro de 1908 que se deu por finda definitivamente toda a discussão sobre as clausulas do futuro convenio e se chegou a um accordo completo. No dia immediato inauguravam-se as sessões do Congresso. O sr. Garcia Rosado viu-se pois forçado, em virtude do compromisso anteriormente assumido a pedir auctorisação telegraphica para assignar a Convenção, não podendo portanto esta ser sujeita ao exame do parlamento. E' facto que a assignatura definitiva do convenio só se veio a realizar mais tarde, em 1 de abril de 1909, mas esse facto resultou decerto de difficuldades em que se encontrou o governo do Transvaal e não invalida a situação em que se encontrava o delegado portuguez vendo-se obrigado a cumprir aquillo a que se compromettera para evitar os perigos que resultariam para nós, se, n'essa epoca, a conferencia de Pretoria, onde tinham a palavra representantes de interesses tão diversos, chegasse a pôr em discussão e a apreciar as questões que se ligavam á denuncia do *modus vivendi*. Porque a verdade é que de 1901 até 1908 a situação da Africa do Sul havia-se modificado consideravelmente e essa transformação accentuára-se principalmente nas condições de vida da industria mineira. Já não eramos os arbitros do futuro de tão poderosissima industria, como tinhamos chegado a ser poucos annos antes, embora ella ainda carecesse muito do nosso auxilio. O indigena habituára-se cada vez mais a emigrar para o Rand e a obter ali salarios muito mais valiosos do que os que lhe poderia dar a exploração agricola nas suas regiões d'origem. Só com uma repressão violenta, e que esbarraria talvez com difficuldades quasi insuperáveis, poderíamos restringir essa emigração. O Transvaal continuava é certo a precisar dos nossos braços e não lhe conviria collocar-se n'uma attitude abertamente hostil para comnosco. Deviamos pois contar com a sua sympathia e com a conveniencia que elle tinha em transigir com os nossos justissimos interesses, mas não poderíamos arrastalo a um convenio que prejudicasse gravemente as outras colonias da Africa do Sul, embora a estas tambem muito conviesse não se pôrem em antagonismo com o Transvaal de quem careciam absolutamente para que a União viesse a ser um facto. Sem o seu consentimento essa União não se teria effectuado, ou ella seria um organismo, tanto economica como politicamente, enfestado e sem resistencia. Para o demonstrar basta recordar que as minas do Transvaal já fornecem actualmente ouro ao mercado mundial no valor de trinta milhões de libras por anno. Esse valor tem tendencias para subir, calculando-se que o seu maximo deverá ser de cincoenta milhões de libras e que n'esse maximo se poderá manter pelo largo periodo de cincoenta a cem annos. D'aqui resulta a expansão adquirida pelo movimento commercial d'esse florescente estado. Em 1908 já o seu commercio de importação attingia a importancia de 16 milhões de libras e o da exportação a de 32, havendo capacidade economica para um e outro poderem largamente progredir. Em contraste com esta solida situação de riqueza as outras colonias da Africa do Sul sofriam uma aguda crise financeira, tendo-se os *deficits* accumulado tanto que sobre ellas pezava, ao fazer-se a União uma divida superior a 620 mil contos de réis da nossa moeda. N'estas condições só a riqueza do Transvaal poderia conseguir que ellas se desafrontassem dos embarços com que lutavam. Mas se sob o ponto de vista economico o antigo Estado dos boers tinha uma tão decisiva influencia para que a constituição d'esse novo e promettedor imperio se viesse a effectuar em condições de exito, politicamente ella não era menor. A raça que occupa o Transvaal possui qualidades excepcionaes para uma solida obra de colonisação. Buchan chama-lhe uma das mais poderosas forças colonisadoras do mundo. Desde que se unisse com o elemento afrikander do Cabo, elemento tão rico de resistencia e de qualidades, constituiria um valor decisivo na sorte da União, não podendo de modo algum ser batida por qualquer outro partido que ali se constituisse. O numero de deputados que os boers podem eleger é quasi igual aos que representam o Natal e

o Cabo. Reunindo-se áquelles *afrikanderbrud* o seu dominio seria deo. E foi isso o que succedeu.

O poderemos contar pois (as sympathias do Transvaal e com amonia dos seus e dos nossos interesses, resentava a melhor força de que poderiam dispôr para chegarmos a um convenio ju que nos libertasse de muitos dos preju que tinhamos soffrido com a execução *modus vivendi* e das injustiças a que ante annos successivamente nos haviam teitado pela tendenciosa interpretação algumas das clausulas d'aquelle accordo; não deviamos exaggerar as esperanças depositasemos n'essas sympathias, que, tornamolo a repetir, as condições industria mineira eram já bem divers: muito mais emancipadas do nosso aux de que em 1901 e o Transvaal tinha qntardar attentões com os estados visinhos dos nossos interesses, de que n'aqa epocha estava inteiramente liberto.

Como em geral succede, avenio a que se chegou não agradou o completo a nenhuma das partes contractes. Do lado das colonias inglezas as qças e protestos fizeram-se ouvir sobre o Natal. Ah! tanto a imprensa com Camara Municipal de Durban e o pro primeiro ministro reclamaram contra referencia dada ao trafego pelo Camir de Ferro de Lourenço Marques, o quallo artigo 23.º do tratado ficava com a gatia de transportar de 50 a 55 % da tonçem bruta das mercadorias importadas pe'ransvaal. Essas reclamações explicavam pela ambição que aquella colonia alimenha muitos annos de monopolisar uma nde parte do commercio do estado visio, para o que tem dispendido milhões e hões de libras esterlinas nos melhorames do porto de Durban, transformado conos de dinheiro n'um dos melhores portosificias de todo o mundo e na construo de caminhos de ferro, tendo-o esses sañcios collocado n'uma difficil crise financa, caracterisada por uma divida de 30 hões de libras e um *deficit* annual super a 200.000 libras. A imprensa do Transvaal acudiu energeticamente a mostrar-lhe sem razão dos seus protestos. Ella lembrlhe que a Lourenço Marques, pela sua peço geographica e pela maior proximidade dos centros mais populosos e importes da colonia cujo commercio se disputa, é que deveria pertencer, quasi por coneto, o transito das mercadorias que para se dirigissem e d'esse modo o que se eulára na Convenção não representára ufavor para nós, mas antes uma perda navantagens geographicas que ninguem n podia disputar e, para que essa perda não tornasse maior precisára Portugal assegrir um inapreciavel serviço á riqueza do Tisvaal e de toda a União facilitando-lhe a puição de mão d'obra, elemento de que tao se carece para se obter o proveito d'aqlla região, sem limites e em magnificas çdões economicas. A linguagem dos joes transvaalios e a acção do seu goveo foram tão claras e expressivas que pou depois já o proprio ministro dos caminh de ferro e portos do Natal confessava rassembleia deliberativa que elle e os se troncidadãos não tinham motivos para se ligarem com o accordo que se celebrára.

Entre nós tambem o trado de 1 de abril de 1909 foi acolhido com va opposição. Elle provocou uma violenta campanha de character accentuadamente politico, em que mais se distinguiram pe gritaria e indignação postiga os que maiimperfectamente lhe conheciam as clausulas e menos habilitados se achavam para plerem avaliar as consequencias de sua apração. Aos membros do poder executivo do principal negociador em nome de Pugal, pouco menos se lhes chamou do qç traidores á patria. Em tudo se quiz vê uma humilhação para com a Inglaterra, prestação d'um acto de vassalagem da noa parte. Mas não ha duvida que entre tant exaggeros, e entre tantos dislates pronunciados na maior parte pelos que hoje no verno tem provado uma mudança absuta e radical de opiniões, alguns dos artos da convenção provocavam reparos e apprehensões aos que os apreciavam de boa fé despidos de qualquer preocupação partidaria. Entre esses merecem destacar-se os q permitiram um recrutamento de indigenes para o Transvaal sem limitação algum e estendendo esse recrutamento a quasi toda a nossa tão vasta provincia de Moçambique; os que, na sua applicação, pode importar uma restricção da soberania portugueza n'uma colonia que é nossa, exclusivamente nossa; os que cercaram o exercicio do poder legislativo da metropole, impndo á acção do parlamento da nação o vo expresso d'uma corporação mixta de portuguezes e estrangeiros e os que permitiram a ingerencia, durante dez annos, da União Sul Africana na administração do portole Lourenço Marques. Essas disposições do convenio são realmente attentatorias de nossos mais legitimos direitos, ou perigos para os nossos interesses. Mas outra encerra o trata-

do que nos asseguraram vantagens apreciáveis.

Não podemos n'este artigo fazer o balanço dos efeitos dos que assim se contrariam e compensam, porque elle já vae bastante longo. Procuraremos realizar esse trabalho no proximo artigo, porque só assim chegaremos a uma base segura que nos oriente sobre a forma como nos devemos preparar

para arear, do modo mais favoravel aos interesses da provincia de Moçambique, com a situação em que nos encontraremos, quando terminar a execução do convenio. E não é cedo para pensarmos no que teremos de fazer e para ir orientando os nossos esforços n'esse sentido, visto que para esa data faltam já menos de trez annos.

LOURENÇO CAYOLLA

APOS A VICTORIA

POR

ANDRÉ SAVIGNON

—O caso é muito simples: todos os dias, ao cahir da noite ponho-me a calcurriar os bairros burguezes e mal depáro com a casa que buscava:

—Mora aqui a sr.^a D. Fulana? — perguntou.

E dou um nome qualquer: sr.^a Dubois, Héry ou Paul. Depois:

—Diga á senhora que lhe trago noticias do filho!

Do filho, do marido ou do irmão, isso é conforme. E a criadita que vem abrir, enquanto eu dou o meu recado, olha com sympathia e terror, o uniforme que envergo, e o qual está n'um bonito estado,—feito n'um farrapo, despedaçado, coberto da lama das trincheiras. Apoio-me a um pau e sou bem um pedaço glorioso do campo de combate; o meu olhar é duro e no rosto espelha-se-me a maldade dos terriveis dias que vivi: dias de febre, de chuva, de frio em meio das carnagens da frente de batalha.

Oico no interior da casa uns passinhos mansos. E logo uma voz:

—Mande entrar, mande entrar!

E' a patroa que me recebe e logo me ponho a fornecer-lhe pormenores acerca do caso. A pessoa de que lhe fallo ou foi ferida ou morreu. E a scena é sempre a mesma: repetem-se as lagrimas sobre o querido ente desaparecido.

—Pertenciamos á mesma companhia: lá todos gostavam muito d'elle: tinha uma lendaria bravura... Se o vi cahir? Sim minha senhora, cahir como um heroe: n'essa occasião estava eu ao pé d'elle. Debrucei-me sobre o meu querido companheiro e, com o ultimo suspiro que exhalou, recolhi dos seus labios esta palavra — a derradeira! — «Mamá!...»

«Ah!... diz a mãe.

E assim, testemunha unica de muitas coisas, tenho para todos palavras consoladoras—a minha passagem ficará para sempre gravada nos corações. E raro é que eu não traga comigo para entregar a estes queridos uma recordação qualquer que elle possuia: um botão, um cachimbo, um pedaço dos galões, um numero do uniforme, eu sei lá! uma coisa qualquer que d'alli em diante será venerada como uma verdadeira reliquia. N'esse momento é que eu vejo a nu todas as dores e como ellas por vezes são tão agudas que tornam uma pessoa fraca, sem vontade, tremula como uma folha. E então tudo são blandicias para comigo.

—Tome lá para si meu bom amigo, meu bom rapaz; vocemecê que conheceu o meu filho!

E assentam-me á mesa no logar d'elle, na cadeira que elle occupava: dão-me de comer, enchem-me os bolsos e ás vezes até aproveito a occasião para aliviar a toalha de qualquer talher de prata o qual faço deslisar com toda a limpeza para o bolso...

«Mais tarde quando estou bem restaurado de forças, todos querem ouvir historias da minha vida de soldado, essas curtas paginas do meu passado, uticas que eu posso confessar sem córar e sem mentir: explico então como e onde fui ferido e como ganhei a minha Cruz na Champagne, quando, sob a fuzilaria do inimigo, fui buscar um dos meus chefes, o commandante Puix, já meio morto e o trouxe triumphalmente ás costas para as nossas linhas.

*

Se abandonei o regimento, se eu hoje sou um desertor, é porque já me está na massa do sangue a desordem e a indisciplina. São restos do tempo antes da guerra, da minha antiga abjecção. Mas enfim, o que lá vae, lá vae! Os gendarmes deviam mas era deitar-me a unha e recambiar-me para a linha de fogo: ah! ando eu sempre de cabeça levantada!

Nas cidades, longe da frente de batalha, esqueci o culto do dever, entre os velhos e os que só teem mazellas; os embuscados e os que acham que isto «já dura demasiado»; aquellos que põem todos surratrios, na balança, os dedos, roubando no peso do pão; os patifes, os traficantes e os que exploram mulheres e filhos de soldados. E tão depressa estou no meio dos feridos, nas estações e bancos de jardins publicos, como com aquellos que dançam sobre uma perna

de pau e os que se arrastam entre duas mulletas, os hombros mais altos que a cabeça e desengonçando o corpo como fantoches.

—Toc, toc, toc!... E o nosso bando vae pelas ruas estreitas, ao ruido cadenceado das bengalas, das pernas de pau, das mulletas. Com o cahir da noite vão surgindo outros mutilados lá do fundo dos beccos e de toda a parte. Ha alguns que, privados da vista, tacteam com uma timida bengala o rebordo dos passeios; outros desfigurados por completo arriscam-se a dar um passo para fóra das sombras tocas onde escondem os seus rostos espantosos, enquanto surgindo por detraz de um marco de pedra e, muitas vezes, não attingindo a altura d'elle, vejo metades d'homem que para andar se apoiam nas mãos ou empurram os rodizios do pedaço de madeira que lhes serve de soco. Escutae o ruido, o tumulto das suas carretas: é a guerra!

E a taes horas basta-me escutar as mulheres que nas fontes publicas leem a lista negra: no dia seguinte já eu sei a quem hei-de visitar.

Ha dias como de costume fui bater a uma d'essas casas. Immediatamente dei pela grossa asneira que tinha feito; mas já era tarde, porque a dona da casa que veio á porta abrir, repetira o nome que eu tinha dito respondendo:

—Não, não é aqui. Mas isso não quer dizer nada: eu gosto do seu uniforme, meu rapaz... Entre, sente-se e descanse: sou esposa de um official...

E assentou-me deante de uma esplendida mesa; encheu-me o prato e o copo, poz sobre a toalha uma porção de cigarros e docarias e, para evitar que eu còrresse de vergonha por ter fome e ter de estar alli a comer deante d'ella, retirou-se, deixando-me só.

Então aproveitando a sua ausencia, fui-me muito surratrio até ao compartimento visinho. Sobre uma commoda que reluzia na penumbra havia dois guarda-joias cheios de coisas: n'aquelle momento não vi mais nada... Mas de repente, *clac!* e tudo é tudo appareceu illuminado... Voltei-me bruscamente: na cama estava deitado um homem.

—Catrapuz! Estou filado! Aquillo que eu tanto temia nos meus pesadellos, deuse! Soou a hora do castigo, vou ser castigado que é uma beleza... E' claro: o sujeito viu-me, vae dar signal...

E atterrado precipitei-me para a frente, de mãos estendidas prestes a apertar as guellas do homem...

Comtudo este levantara do travesseiro a cabeça de perfeito cadaver, com uma das orbitas despejada, metade d'uma das mandibulas desaparecida e uma ligadura negra na frente; enfim uma d'estas cabeças de militar que mettem respeito! E depois estendendo para mim os braços ennegrecidos como para accceitar a hicta desigual:

—Um dos do 100.º! Um dos meus soldados!...

Parou, olhou-me como paralyzado pela commoção e em seguida chamou:

—Antonietta! Antonietta!

A dama de que lhes falei accorreu ao chamamento. Eu estava para alli, desembragado, mais morto que vivo; o espanto pregára-me ao solo. Que irá elle dizer? Viu tudo ou não viu? Compreendeu ou não o meu gesto e que eu queria roubar as joias?

—Antonietta—disse, mostrando-me com o dedo: é elle! é elle! Tel-o-hia conhecido entre mil! Foi elle que me salvou a vida, que me foi buscar por entre a fuzilaria!

E voltando-se para mim:

—Approxima-te, chega-te ao pé de mim, deixa que eu te aperte contra o coração. Se és pobre, a minha casa pertence-te, tudo quanto aqui está é teu. Tu foste o meu salvador: és meu filho, meu filho!...

...Era o commandante Puix!... Puz-me na posição de sentido. Um largo sopro vivificante encheu-me o peito. Sentia o cheiro da polvora, via os campos, as planicies, as terras remexidas pelos obuzes e no céu a grande sombra da bandeira... E voltei a cabeça: tinha os olhos arrazados de lagrimas...

...Durante muito tempo, amarfanhado sobre uma cadeira, apertei contra os labios a minha Cruz... e chorei, chorei longa e desesperadamente como um garoto!...

ANDRÉ SAVIGNON

CAMILLO CASTELLO BRANCO

IUAN-CHI-KAI

POR

TAVARES PROENÇA JUNIOR

Honra-nos hoje com a sua collabora-
ção o nosso querido amigo e distincto
correligionario F. Tavares de Proença
Junior, lamentando nós que o atrazo
dos correios nos não permittisse a pu-
blicação de tão interessante artigo no
numero anterior—um verdadeiro mimo
litterario—da nossa revista de 1 de ju-
nho, pois para essa data foi elle escri-
pto, embora trabalhos d'este genero ten-
ham sempre a maior das opportunida-
des.

Novo na idade, mas velho nas mani-
festações do seu talento, pois aos 17 an-
nos de idade escrevia já no «Instituto»
de Coimbra artigos notaveis sobre ar-
cheologia, sob a epigraphe «Cousas Ve-
lhas»—Tavares Proença publicava aos
20 annos, em 1905, a Autobiographia
de Camillo C. Branco, livro interessan-
tissimo e de grande valor litterario :
pena é estar esgotada a edição. Até Ou-
tubro de 1910, conservou-se sempre
alheio da politica, em cuja carreira,
de resto, poderia ter tido o lugar de des-
taque a que tinha direito pelo seu mere-
cimento pessoal o que, de certo, lhe te-
ria sido facilitado pela situação de pre-
dominancia que n'ella occupava seu
Pae, o par do reino sr. Tavares de
Proença, amigo intimo que foi de El-
Rei D. Carlos e em cujo solar de Cas-
tello Branco esteve hospedado Sua Ma-
gestade o sr. D. Manoel, quando da
sua digressão pelas Beiras. Até então
dedicou-se unica e exclusivamente a
trabalhos litterarios—collaborando as-
siduamente em revistas e jornaes scien-
tificos de França—e a trabalhos de ar-
cheologia, fundando a revista Mate-
riaes para o estudo de antiguidades por-
tuguezas, que superiormente dirigia ;
organizando o muzeu de archeologia de
Castello-Branco, que offereceu áquella
municipalidade ; e tomando parte acti-
va em congressos internacionaes de ar-
cheologia, onde obteve as Palmas com
que o governo francez o condecorou pe-
los seus interessantes relatorios no
congresso de Perigueux.

Mas, a partir de 1910 (1) dedicou á
monarchia, successivamente em Portu-
gal, Hespanha e França, o melhor da
sua actividade, da sua energia e da sua
saude e só quando esta lhe faltou e ain-
da por imposição de sumidades medi-
mas estrangeiras, é que se recolheu ás
montanhas da Suissa, d'onde, no seu
isolamento nostalgico de bom monar-
chico e melhor portuguez, nos escreve
promettendo, não uma collaboração ef-
fectiva, que o seu estado de saude não
permittiria, mas uma série de artigos
e chronicas, que, por serem escriptos
em portuguez de lei e brilhantes de
actualidade, estamos certos, serão moti-
vo de congratulação para todos nós, os
amigos d'A Ideia Nacional.

D. M.

(1) Em carta publica dirigida aos seus
chers et honorés collegues» do Congresso
de Perigueux,—diz F. Proença :

«Ayant été obligé de quitter le Portugal
en 1910 á la suite des troubles politiques
qui ont transformé le pays en écurie d'Au-
gias, j'ai dû interrompre la publication
des dossiers concernant les fouilles et étu-
des que j'avais entreprises pendant les
douze dernieres années.

As recordações da mocidade
rebrilham por vezes nas
trevas da nossa memoria
com uma estranha intensi-
dade. Factos insignifican-
tes, pequeninos *nadas* da
nossa vida de então, renascem como por
encanto com todo o seu cortejo de me-
ditações e de saudades... Saudades,
sempre. Meditações, quantas vezes, ora
fugazes e vaporosas como a evocação de
um sonho encantador, ora asperas e dó-
loridas como um roçar de espinhos, ou
como a reminiscencia de um pezadelo
insupportavel...

1 de junho de 1890! Eu vivia então
com meus paes n'um pequenino e que-
rido ninho de verdura perdida na aridez
da nossa Beira, aquella ninho aonde eu
passei os primeiros e mais felizes annos
da minha irrequieta mocidade. Aonde
isso vae! Vinte e seis annos! N'aquelle
dia tudo era alegria, tudo eram risos
n'aquella casa—celebrava-se ali um
anniversario—era o meu!

A' volta de meus paes eu saltava e
ria na mais completa e ruidosa* expan-
são da minha felicidade, essa felicidade
sem nuvens que nós apenas conhecemos
pelas recordações dos nossos primeiros
annos... Lembranças de parentes dis-
tantes chegadas com o correio logo pela
manhã, a visita affectuosa dos meus
logo ao acordar junto do meu leito, al-
guns brindes simples entrecortados de
gargalhadas, o jantar n'aquella sala
tão alegre, com dois jarrões enormes
aos cantos, aquella sala aonde o sol en-
trava a jorros dançando no colorido dul-
cissimo das flores, tudo isso era para
mim de uma suavidade infinita, era co-
mo que uma embriaguez de alegria e de
vida, que n'essas idades não pôde es-
quecer-se sem lagrimas...

Findo o jantar, meu pae voltara para
o salão, e, como de costume, sentado
confortavelmente n'uma ampla poltro-
na de molas, vestida de coiro antigo, lia
tranquillamente as gazetas chegadas,
umas de Lisboa com as mesquinheces
habituaes da politica indigena, outras
de Paris, da civilização.

Pela porta entreaberta da sala prox-
ima onde eu contemplava os brinquedos
felicidades do meu anniversario, dei
tento que a velha creada entregara a
meu pae um telegramma. Seriam oito
horas da noite. A chegada de um tele-
gramma era ainda então para mim um
acontecimento que punha em sobresal-
tos a minha curiosidade—uma noticia
chegada *pelos arames* em cujos postes
eu muitas vezes batia com uma pedra
para depois, applicando o ouvido, me
deliciar com as vibrações dos fios meta-
licos. Bom tempo!...

Interrompi a minha contemplação,
deixei em paz os brinquedos, e fui, si-
lenciosamente, apoiar-me na poltrona
de meu pae, a olhar, como se assim po-
desse surprehender o misterio d'aquel-
las palavras chegadas *pelos arames*. Vi
rasgar vagarosamente o involucro. E
lembro-me—tão bem como se fôsse
hoje—que meu pae, como se outras
pessoas á sua volta podessem ouvil-o e
comprehendê-lo, leu *em voz alta* :

—«Morreu o Camillo Castello Bran-
co!...»

Os seus olhos—aquelles olhos que
nós lhe conhecemos e que reflectem uma
consciencia tão sem macula—largo
tempo se conservaram como que atra-
hidos por aquellas palavras sinistras
e estou certo de que só as lagrimas o
convenceram da realidade. Eu não pu-

de vel-abrque fugi, voltei para os
meus braedos; mas a lembrança
d'aquellaalavras pronunciadas as-
sim, ali, nella hora, ficaram para
sempre gadas na minha memoria,
indeleveis meu espirito e, assim é
que eu asco, hoje, como se por cima
d'ellas, nhouvesse passado, sem cle-
mencia, aponja de vinte e seis annos
de vida e recordações.

Repete hoje esse anniversario tris-
te. Camillo Castello Branco nasceu em
Lisboa, na casa do Largo do Car-
mo, aos 26 março de 1826, e suicid-
ou-se em Miguel de Seide pelas cin-
co horas tarde d'aquelle dia 1 de ju-
nho de 1881. A noticia chegou rapida-
mente ao cecimento de todos os seus
amigos, dados os seus admiradores,
de todos adles que, desde os primei-
ros rebates cegueira do Grande Mes-
tre, esperan anciada e doloridamen-
te, aquella vitavel solução.

Desde eshora, aquella exclamação
de meu patão magoada e sentida—
fez nascer (mim o desejo de estudar,
quanto pode, a incomparavel obra e
individualice do maior vulto da litte-
ratura portueza. E hoje, quanto mais
o estudo, tão mais avulta em mim a
admiração i culto pela superior pu-
jança do sealento.

Quantas zes—digo-o com vaidade—
quantas vezes, ao ler as suas pa-
nas inimitas, eu parei de chofre pe-
rante o brilntismo de uma ideia sua
—a scintillio de uma faisca mais in-
tensa do segenio—e, affastando de
mim o livro rante alguns instantes de
feliz intuspeio, eu procurava reatar o
fio da minha serenidade como se a vi-
zão inespera de um abismo houvesse
entenebrecidsubitamente em mim a
clareza do niocinio. Parava e dizia
entre mim: 'extraordinario que al-
guem haja podido pensar assim!...
N'estas vozentimas, intuspectivas, ia
o mais bello meu culto pela vitalida-
de de um cerro incomparavel.

E' claro qnem todas as suas pagi-
nas attingem mesmo quilate no esta-
lão da analy: imparcial. N'uma obra
tão vasta con é do Grande Mestre,
soffrendo as atingencias de uma vida
accidentada—verdadeira Illiada de la-
grimas—ao do de paginas insupera-
veis em brilntismo, não raro se nos
deparam oute de somenos valor que
algumas vezerepresentam um desfal-
cimentamento fugivo na obra do grande
artista. Comprehendo-as, comprehen-
del-as-hão tod aquelles que *conhecem*
a vida de Caillo, vida cujas phases,
cujas indecisõ, cujas vicissitudes, não
podem, em circumstancia nenhuma, ser
separadas nei esquecidas no estudo
das phases, de incertezas, das vicissi-
tudes por que assou a criação e o des-
envolvimento a sua obra inegalavel.

Evidenteme, nós não podemos
querer comparar os seus primeiros tra-
balhos litteraris, com outros que mar-
cam em Camil a posse e o gozo da ple-
na vitalidade o seu talento. Não. Na
obra de Camillo Castello Branco, assim
como na obra e todos os escriptores,
nós devemos lzer distincção entre as
diversas phase que a constituem; uma
phase indispenavel de aperfeioamento
e de lucta, uma phase de esplendor e de
brilhantismo:—quantas vezes!—
uma phase de nplacavel decadencia.

Esta ultima felizmente, não poderá
alguem descobil-a na sua obra, e a
consciencia detal facto representa, só
por si, o mais perduravel monumento
que a nossa amiração e o nosso culto
podiam hoje tibar a memoria do
Grande Mestre.

Se, de ha muito, mesmo de ha muito tem-
po, democracias e republicas não estives-
sem condemnadas como fallaciosos regi-
mens de justiça e liberdade; como ridicula
promessa de egualdade e doirada mas falsa
miragem de fraternidade, esta curiosa repu-
blica chinesa, cujo presidente acaba de mor-
rer, seria a sua mais cabal e completa con-
demnação.

Porque, o caso é este: ali como em todas
as republicas, o presidente permaneceu o
mandarim e d'essa qualidade não abstrahiui,
mau grado o rotulo de progresso exibido
pelo regimen republicano. A ideia convida-
tiva de republica, baseada em tres magicas
palavras—liberdade, egualdade e fraterni-
dade—esse chamadoiro sempre velho, sem-
pre falso, mas tambem sempre de seguros
effeitos, attendendo a que, segundo os sa-
bios mais antigos e conspicios, o numero
dos parvos é infinito, essa deia, quicá trans-
portada pelo vento de Portugal para o Im-
perio dos celestes, teve o condão de seduzir
os chinezes como já a nós seduzira, e levou-
os a renegarem dos habitos antiquissimos
e a dispensarem a cooperação do governante
hereditario, para entregar o poder a outro
que não o era, mas que o quiz ser e que só
nominalmente, como em toda e qualquer
republica, o não foi.

Tem uma historia por demais curiosa esta
republica dos chinezes... Aquelle paiz de
mandarins torrados, com olhos d'amendoa,
rabicho pelas costas abaixo á laia de don-
zella, e bigodes como espetos furando o pei-
to; essa terra de pagodes de porcellana,
casas de papelão, flores extranhas e *foie*
gras de ninhos d'andorinhas; a terra cal-
curriada annos e annos pelo misero Fernão
Mendes Pinto, onde Theophilo Gautier no
divino cofre d'ouro d'um soneto impeccavel
encerrou a dama dos seus pensamentos pe-
la qual bebia os ares; o extranho paiz onde
Eça de Queiroz collocou e fez agir um dos
seus mais curiosos personagens—essa terra,
iamos nós dizendo, certo dia teve o desejo
de conhecer novos regimens, novas ideias,
novas caras—*algo de nuevo*, como aquelle
Ponce, navegador castelhano. Já sabia, por
dois ou tres mil annos de experiencia como
governavam os Filhos do Ceu: queria ver
como faziam leis os da terra. Toca pois a
aprear do throno o Celeste que lá estava e a
pôr em sua substituição um misero mortal
como qualquer de nós, etiquetado porém de
Presidente da Republica. Chamava-se elle
Yuan-Chi-Kai, nome que eu infelizmente
não sei se significa *algo rem*, como dizia um
certo Gil que fazia os autos a El-Rei: ten-
ciono porém a tal respeito consultar os nos-
sos immortaes para descarregar a minha
consciencia d'essa grave preocupação.
Como, porém, as revoluções constituem
um morbo infeccioso que ataca de pre-
ferencia os regimens que querem ser
liberaes, dentro em pouco o impera-
dor estava a contos com uma zara-
gata formidavel, querendo os zaragateiros
tomar-lhe conta do carinho com que trata-
va tão conspicio cidadão como era Yuan-
Chi-Kai... Foi isto ahi por volta de 1911 e
dentro em pouco o nosso general—nosso é
modo figurado de fallar—voltava á patria
no meio d'um berrantissimo estado; era
recebido melhor entre os chinezes do que
entre nós o grande Elias e dispunha a seu
talante de todas as forças de terra e mar.
Foi isto repito, ahi por 1911: não ás vezes
alguns mesquinhos julgar que eu estou fa-
zendo torpes insinuações...

E o general ficou então senhor de tudo
e de todos: um comboio especial foi orga-
nisado e esteve sob pressão um rôr de dias
á espera que Sua Presidencia se resolvesse
a mandar pôr no olho da rua a familia im-
perial. Entretanto, aquelle a quem os chi-
nezes—que santas e ingenuas creaturas!—
chamavam o salvador da monarchia, dicta-
va ao joven imperador um manifesto humi-
lhantissimo e pouco depois expedia o mo-
narcha em grande velocidade para fóra de
Pekin, amezendando-se elle então, o tal
salvador da monarchia, no palacio e repe-
tenando-se no throno dos Filhos do Ceu:
fez-se presidente, coisa que ás vezes suc-
cede a muito boas pessoas!...

Agora morreu d'uma uremia, dizem os
jornaes: ha tambem quem affirme que foi
envenenado, o que tambem é muito possi-
vel mesmo sem ser na China. Dizem outros
que, descrente de medicinas europeias, se
entregara nas unhas dos esculapinos chine-
zes os quaes, pelos modos, o mantearam
como os labrostos manchegos a Sancho
Pança. E quer-nos parecer que mesmo no
tumulo sonhará com a coroa imperial, como
antes sonhava—tinha então imitadores—
com a presidencia...

A terra lhe seja leve e Buddha o receba
em seu seio.

Amen.



ASPECTOS DA GUERRA

POR
M. AMARAL

TENENTE DE ARTILHARIA

A politica economica da Inglaterra

A Inglaterra deve a sua incomparavel força economica, primeiramente, á sua situação geographica, á feliz disposição das suas costas, á riqueza do seu sólo em materias primas. Mas deve-a, igualmente, ao regimen de liberdade commercial, que inaugurou no meio do seculo passado. Desde esse momento, os seus negocios teem-se desenvolvido n'uma proporção muito mais consideravel. O seu commercio exterior, que em 1875 não era superior a 16 billiões e meio de francos, subia, em 1913, a 35 billiões. Em quarenta annos, havia duplicado, excedendo, na razão de 9 billiões o commercio da Allemanha, cujo quantitativo de 25 billiões só era alcançado mediante processos artificiaes de dumping.

Não obstante os esplendidos resultados, havia ainda na Inglaterra convencidos partidários de uma politica de reacção economica. Antes da guerra, não tinham muita probabilidade de ser ouvidos. Mas os abominaveis methodos da Allemanha provocaram no publico tal aversão, desenvolveram a tal ponto o sentimento da defesa, que lhes é facil hoje attrahir a opinião em favor da sua theoria. O *Times*, o grande jornal da City, é-lhes favoravel. Veiu-lhes tambem da Australia um vigoroso apoio na pessoa do sr. Hughes, primeiro ministro australiano. O programma que o sr. Hughes expoz, quando se effectuou a celebre reunião do *Carlton Club*, pode ser considerado como o guia official dos *Tarifs Reformers*. Elles são resolutamente hostis ao *statu quo*; o seu fim é substituir, no mercado inglez, os fornecedores estrangeiros pelas colonias inglezas.

Cumprir notar que, não obstante o pressuroso appello d'esses proteccionistas, o governo inglez mantem-se, prudentemente, na reserva. Está, certamente, resolvido a organisar-se, formidavelmente, para esmagar a Allemanha economica, que ameaçava monopolisar os mercados do mundo. Hesita, comtudo, ainda, quanto á escolha de certos meios. O ministro do commercio, o sr. Runciman, emittiu, entretanto, a ideia de um Zollverein entre alliados. Por seu turno, os srs. Asquith, Lloyd George e Ed. Grey declararam querer manter-se a igual distancia entre os *Tarifs Reformers*, decididos a alterar inteiramente o regimen commercial da Inglaterra e os livre-cambistas, sectarios do *statu quo*. E' provavel que o governo inglez formule o seu plano, por occasião da grande conferencia economica de Paris, que se realisará em junho. Os tres homens de real valor que representarão a Inglaterra n'essa conferencia, são os srs. Runciman, Bonar-Law e Hughes.

Certamente, a Inglaterra que foi a iniciadora da liberdade economica, não

voltará a adoptar um esticto regimen proteccionista. Ella quer pôr um termo ao ameaçador imperialismo allemão, unir-se estreitamente aos alliados, mas não deseja coartar a liberdade economica dos neutros.

Os canhões pneumáticos

Os belligerantes fazem continuamente uso, como apparatus de trincheiras, de lança bombas de ar comprimido, que permitem enviar, sem ruído, a 200 ou mesmo 300 metros, uma grande grana-da explosiva. A precisão d'esses pequenos instrumentos, nos quaes se comprime o ar mediante uma simples bomba de automovel, suprehende todos os que d'elles se teem utilizado.

A ideia não é, certamente, nova. Foi um americano, Meffort, quem propoz, em 1883, substituir a pólvora pelo ar comprimido.

Faziam-se, então, as primeiras experiencias de obuzes carregados de explosivos e parecia perigoso, sobretudo para os grandes obuzes, collocar 25 ou 30 kilogrammas de dynamite em contacto quasi directo com grandes cargas de pólvora.

Por outro lado, o ar comprimido apresentava enormes vantagens sobre a pólvora negra, violenta e rapida na sua acção, que era a unica empregada, pois estavam pouco conhecidas as polvoras progressivas.

A ideia de Meffort progrediu e, em 1858, o engenheiro polaco Zaliuski fazia na America, com um canhão pneumático de 8 pollegadas (203 m/m) que acabava de inventar, uma série de experiencias definitivas. Destruiu, por exemplo, com quatro tiros, um velho schooner de madeira, o *Sulliman*, a uma distancia de 1.700 metros.

Para communicar ao projectil uma velocidade inicial sufficiente, tornava-se necessario um grande comprimento do canhão.

Zaliuski, alentado por esses resultados, decidiu levar a pressão a 70 kilogrammas e o calibre a 8 pollegadas (203 m/m). O canhão, que foi construido e experimentado com exito, era de ferro forjado e a espessura das suas paredes não ultrapassava 15 m/m. O seu comprimento total era de 11 m/m 30. A carreta, formada por uma parte armada, tinha 17 m/m de comprimento.

O obuz era enorme. Parecia um torpedo de 2 m. de comprimento total e pesava 63 kilogrammas. Encerrava 45 kilos de explosivos, o que lhe dava um excellent rendimento.

O peso do canhão era de 2.040 kilos; o da carreta e dos orgãos accessorios, de 17.000 kilos. O conjunto custava 30.000 francos. A velocidade do tiro era de 1 detonação por minuto.

Os resultados obtidos foram notaveis porquanto, sob 68 kilos de pressão e

com um abgulo de tiro de 32 graus, o projectil tinha um alcance de 3.600 metros.

O governo americano decidiu a construção de um cruzador que devia ser armado de canhões pneumáticos Zaliuski, de 380 m/m (15 pollegadas), lançando projecteis com 272 kilogrammas de explosivos; mas vieram as polvoras progressivas e poz-se o silencio em torno do canhão pneumático.

Foi necessaria a guerra para resuscital-o, e os serviços que presta nas trincheiras, juntos á absoluta segurança do seu funcionamento, deram a esse canhão uma justa nomeada entre os soldados.

Canhões ou torpedos? Couraçados ou submarinos?

E' o canhão mais prejudicial aos navios de guerra do que o torpedo? Tal é uma das questões que mais preoccupam, actualmente, a opinião publica.

Os juizos estão divididos.

A estatistica encarregar-se-ha depois da guerra, de dizer qual dos dois apparatus alcançou, no decurso das hostilidades, o *record* da morte.

Por ora, cada um tem os seus partidarios, porquanto, se é exacto que apparatus capazes de lançar obuzes de mil kilos são argumentos sem replica, é tambem verdade que, enquanto os navios não possuirem uma estabilidade intangivel, estarão á mercê do torpedo, o qual provocará a invasão da agua ou o desprendimento dos gazes, essa apoplexia fulminante dos Titans do mar.

Os inglezes comprehenderam tão bem que a subdivisão dos compartimentos só era uma salvaguarda quando isso se alliava a uma excellent estabilidade, que, depois da guerra, adoptaram um novo modelo de navio, quasi a antithese dos couraçados. Esse modelo aproxima-se dos antigos «monitores» muito largos, baixos, sem superestructuras, por conseguinte muito resistentes a *achavirement*. O largo ventre affasta o eixo do navio dos efeitos da perfuração submarina e offerece uma mira muito menos alta aos tiros submarinos, em virtude do seu diminuto calado.

Viram-se d'esses navios nos Dardanellos; e os representantes da imprensa que os visitaram, disseram que, logo abaixo da superficie, o flanco do navio faz uma saliencia, de dez pés mais ou menos, formando uma plataforma, lavada apenas pelas vagas, de sorte que se um torpedo a fere, ella fará explosão no meio de uma substancia secreta e o casco do navio permanecerá indemne.

Esse navio inglez assemelha-se ao *Henri IV*, construido pelo sr. Bertin, membro do Instituto de França, o qual, tendo já com felicidade combinado o typo couraçado e o typo monitor, parece haver achado o modelo que deverá ser

utilizado pelos constructores do futuro.

Cumprir não suppor que só a questão defensiva põe em rivalidade o canhão e o torpedo. A lucta é a mesma, quanto á offensiva, pois a invisibilidade do submersivel é, até aqui pelo menos, muito relativa, e graças aos canhões elle acha-se perdido, desde que é descoberto. Facilmente se comprehende, de facto, que um rombo, se é muitas vezes mortal para um navio de superficie, é-o sempre para um submersivel.

Alguns tiveram a ideia, em vista da guerra contra o commercio, de affastar os submarinos do seu verdadeiro papel. Assim abandonariam o torpedo e servir-se-hiam de um canhão e de uma couraça. Está, porém, demonstrado que isso não teria utilidade, pois as condições da navegação submarina são inteiramente incompatíveis com um armamento que pudesse luctar contra a blindagem e o calibre das peças de um navio de superficie, sem contar que um submersivel, só dispondo de uma visão intermittente para dirigir-se, é forçado a approximar-se da sua presa a 800 ou 1.000 metros.

Assim, mesmo que fossem creados monitores submersiveis, elles não deixariam de ser condemnados a nunca sahir do seu papel de espiões, e a cilada seria sempre a sua unica maneira de operar.

Sendo muito pequenos para se arrisarem, sem perigo mortal, no alto mar, onde o espaço é extremamente vasto e onde elles estão muito baixo sob o oceano immenso para actuar de uma maneira util, o seu campo de acção é, mais ou menos, salvo raras excepções, limitado ao litoral.

Por ser restricta, a sua tarefa não é menos perigosa, pois, enquanto rodam, como ladrões, no centro dos bosques, para esperar a passagem os navios que sulcam as vias de navegação regularmente percorridas, ou para se abastecer de naphta, são repellidos, perseguidos, cercados por aquelles pittorescamente denominados os «fox do mar», os destroyers, os navios carvoeiros, os «chalutiers», os rebocadores, as vedetas, todos carregados de obuzes, de minas, de torpedos, de bombas, que reventam na profundidade desejada, os obuzes-torpedos que seguem na onda a sua trajetoria aerea, sem contar as redes bem alinhadas, que se encarregam de reter na passagem uma aza ou uma helice.

Os aeroplanos constituem ainda outro perigo para os submarinos: pode-se, assim, concluir com o tenente Kimball, da marinha americana, que os torpedos não podem substituir as grandes unidades de combate e que uma nação que possui um numero inferior de couraçados, é forçosamente vencida, qualquer que seja a sua frota de submarinos.

VIDA AGRICOLA

DESTRUIÇÃO-CONSTRUÇÃO

POR

DOM LUIZ DE CASTRO

Ao par e passo que o Estado se empenha em destruir as próprias bases da riqueza publica com o fim egoista, imprevidente e de forma alguma patriótico, de acudir ás applicações do ministerio das finanças, collectividades particulares existem no paiz em que a fundo se trata de avultar e consolidar essa riqueza. Estão em perfeito contraste taes obras. O Estado procura destruir, o particular empenha-se em construir. O Estado anarchisa e levanta, a empresa capitalistica ordena e levanta.

E' o caso do governo ou do partido democratico—terem agravado sem medida os impostos sobre a terra e editar agora um livro chamado *A propriedade rustica portugueza* com que o assumpto é torcido e retorcido escandalosamente para dar azo a basear nova elevação de contribuições. Será a base de riqueza publica espatifada mas será a opulencia momentanea do Terreiro do Paço. Que mais pode querer um Estado democratico nimiamente individualista? Que mais d'elle pode esperar quem mesmo desconhecendo as pessoas, conhece a theoria e o fundamento do democratismo?

Em contraste com esse procedimento vêem-se companhias praticarem verdadeiras obras de construção, dentro dos bons principios da moral e da politica, honrando o senso commum e as aptidões administrativas de certos portuguezes. Assim a «Companhia das Lezírias do Tejo e Sado»; assim a «Companhia Geral de Credito Predial Portuguez» modelares organizações constructivas, resistindo e crescendo para bem do paiz, a despeito da corrente de desordem e do vento de insanía que predominantemente sopra em tufão destructor sobre as nossas coisas.

E' o valor da raça, meus amigos, surdindo apesar de tudo, quando se põe em jogo fóra d'ideias preconcebidas egotistas, de sectarismos falsamente humanitarios como o da maçonaria ou outros, de odios pessoas de individuo para individuo ou de bando para bando. Ora na administração do paiz—*hetas!*—só d'isso ha, enquanto na administração dos companhias apontadas outro designio surge: o engrandecimento d'essas collectividades nacionaes e indirectamente e na sua quota parte o de Portugal.

E' pôr em confronto o famoso livro errado em que sossobrou o Conselho Superior Technico de Agricultura—ou na sua seriedade ou na sua competencia,—com os ultimos relatorios das gerencias d'essas aggremações a que alludi.

No livro official ha um *quet-apens* em cada pagina; ao dobrar da folha ha *espéras*; por sitios surprehende-se o crime em flagrante delicto; o odio contra a propria verdade rosna em cada somma; o mal querer contra os lavradores sente-se anavalhar seus interesses quando elles, incautos, proseguem honradamente na sua labuta productiva para a gente da nossa terra. Essa é uma amostra da obra official geral. Essa é a obra feita patrocinada, incitada pelo Estado. Essa é a summula da acção constante governativa.

As Companhias das Lezírias e do Credito Predial

Compulsem-se, porém, os relatorios d'aquellas companhias onde homens competentes trabalham com o unico fito de bem servirem os interesses que lhes estão commettidos e que são os do paiz.

Sente-se a ancia de melhorar, aperfeiçoar, de proteger e fazer render com providencias, iniciativas, estudos, trabalhos a terra e o capital portuguezes. Percebe-se o esforço franco, leal, intelligente *pró-patria*.

No relatorio da «Companhia das Lezírias» d'este anno conta-se da energia com que atacou o problema da produção do arroz, *como nunca o Estado, fez*; no do anno passado conta-se—triste é dizel-o—das perseguções fiscaes com que o Estado republicano tem premiado o bello trabalho da companhia. Sempre o mesmo *empêno*, sempre a mesma negação, sempre o mesmo mau modo e a mesma feia acção. A obra do dessalgamento das terras de lezíria e do fomento de ovinicultura, constitue uma verdadeira escola agricola de altissimo valor e largo alcance para toda a lavoura nacional, para todo o paiz productor e consumidor.

Isto chama-se construir o futuro economico de Portugal. O que o Estado faz com suas imposições fiscaes e seus livros de propaganda para maior imposição ainda, chama-se destruir o futuro economico de Portugal.

Nos relatorios da «Companhia Geral de Credito Predial» de 1912 para cá, depois da grande crise que derrubando ia aquella empresa, podem ler-se aspirações de bem fazer logo nos annos seguintes iniciadas. Mas só por si o facto do levantamento da companhia é tão meritorio e tão grande façanha que não pode deixar-se de pensar em comparal-o deploravelmente com a queda cada vez mais veloz dos negocios financeiros do Estado.

Alli tambem se constroe; aqui destroe-se. A companhia depois de retomar pé, alar-

ga a vista pelo horizonte das suas possibilidades e mette hombros a committimentos meritorios e novos. Quer contribuir «com efficacia para o desenvolvimento economico nacional» e acia que «é dever dos homens, se bons cidadãos, é dever das collectividades, cada um e cada uma de per si, interessarem-se pela prosperidade do paiz e sacrificarem-lhe o maximo das suas energias».

São palavras nobres, que logo interpreta, enumerando aquillo que se propõe realizar tal como credito agricola individual sob variadas formas, fragmentação de grandes domínios que pssue, e solução de problemas sociaes como sejam casas baratas e hygienicas, dar propriedade ao trabalhador facilitando-lhe terra e fixando-o ao solo, o seguro de vida etc., etc.

E não são palavras só. Alguma coisa fez já, realmente adentro de suas aspirações generosas. Mas como não é o Estado, como deseja *realisar* de facto e não só parolar, não pode emprehender tudo ao mesmo tempo na certeza de não ir por deante. E' honesta.

E certamente o seu plano não merece a pungente critica que mereceu o livro d'*A propriedade rustica portugueza* a *Liga Economica Nacional* que, segundo rezam os jornaes «representou ao sr. ministro do fomento, pedindo-lhe que convide a direcção geral de agricultura e em especial o conselho superior technico da mesma direcção geral, a examinar detidamente o livro do sr. Campos Pereira. A propriedade rustica em Portugal», elaborando um circunstanciado relatorio sobre o valor actual dos dados apresentados; sobre a exactidão dos calculos das despezas de cultura ali formulados e rectificando as conclusões finais».

O plano da «Companhia de Credito Predial» não precisa de ser revisto para se lhe avaliar do vabr nem carece de rectificações como a obra incommendada pelo Estado e por elle publicada para affrontar a lavoura do paiz.

Não podem os projectos da «Companhia» dar materia para um novo attentado contra aquella primacial fonte de riqueza publica (a agricultura) como a Academia de Sciencias de Portugal affirma do pasquim democratico espalhado pelo governo.

Acertos do sr. Maura

Enquanto o Estado encara pelo aspecto fazendario todas as questões vitaes da nação as *companhias* olham-n'o pelo lado economico. Parece invertem-se as attribuições o que é um facto curiosissimo da administração publica e não pouco deve es-

pantar os observadores imparciaes que do estrangeiro nos miram.

E, entretanto, bem evidente é como disse o notabilissimo homem d'Estado, sr. Maura, em recente conferencia no «Circulo da Union Mercantil», de Madrid, «que as nações não lograrão subsistir ainda que tenham soldados esforçados e poderosa organização militar *se não teem potencia organica economica*; isto é, que o trabalho, a menos, tanto como a potencia militar». Ora menos, tanto como a potencia militar». Ora em Portugal o Estado não cuida d'essa potencia organica economica. Ha esforços dispersos dos particulares, contrariadissimos pelo Estado. «Importa para o remedio, antes de mais nada, variar o nosso estado de espirito, juntar, congregar as energias economicas». Só o Estado, o poder publico pode realizar tão excelsa obra.

Ora entre nós o poder publico realisa-a carregando d'impostos as industrias. Está a ver-se o seu negativismo. Os conhecimentos de sciencia economica dos homens que mandam em republica não vão mais longe, ignora outros processo de administração, não vê além das contas annuaes da contabilidade.

«E, temos de enganar-nos, quando uma nação não tem dos seus proprios recursos, o necessario para a vida, poderá ter bandeira e constituição e coches de gala, mas não independencia. Ha que buscar e que alcançar os meios de subsistir independentemente de vontade do estrangeiro. De contrario os esforços são inuteis; de mais ou menos efficacia isolada, mas inuteis; são peças soltas de um relógio, não a maquinaria completa, e o relógio não andar».

Eloquentes affirmações, que servem como uma luva á situação de Portugal! «Ha que desenvolver a todo o transe, artificialmente, com estímulos, mas a todo o transe, a integridade de produção. Ou renunciar a ser nação independente. Não ha termo médio».

Ora eu pergunto a qualquer pessoa de tino e de boa fé, que tem o Estado republicano em seis angustiados annos feito no sentido de deglutinar, estimular as iniciativas particulares para realizar a integridade de produção a que allude o sr. Maura? O que não tem feito e o que tem contrariado esse designio, sabe-se.

Sua obra é de destruição. A das empresas particulares, essa, sim, é de construção. E' de efficacia, sem duvida, mas isolada dos poderes publicos, d'elles divorciada resulta inutil.

DOM LUIZ DE CASTRO

Consultorio de economia agricola

Uma outra carta-consulta que acabamos de receber e a que, com o maior prazer, respondemos publicamente, tanto mais que o tempo urge e convem que se procure para a causa dos efeitos notados pelo meu illustre consulente. Eis a carta:

Meu caro senhor:

«Pela *Ideia Nacional*, vi que estudava questões economico-sociaes levando mesmo a amabilidade a ponto de responder publicamente a uma consulta. Confiando na sua gentileza venho tambem por este meio propor-lhe a seguinte consulta:

«Como sabe, os productos agricolas estão por um preço enormissimo. Ora quando isto é assim, presentemente, e com generos produzidos antes da nossa entrada na guerra, o que será depois da nossa entrada n'esse grande conflicto apoz o qual, inevitavelmente, se notará uma notavel falta de braços?»

Não seria conveniente que os poderes publicos se preocupassem um pouco com este assumpto? Não haverá meio de procurar a mão d'obra necessaria? O que se poderia então fazer?

Não procuro, é claro, encarecer-lhe a importancia que a falta de braços tem para a Economia Nacional. Sabe-o bem.

Limite-me, pois, sómente, confiando na sua amabilidade, a apresentar-lhe desde já os meus melhores agradecimentos.

Admirador e obrigado

Picão (Castro Daire).

O sr. J. tem carradas de razão. Preocupa-se justamente com a falta de braços e relativo encarecimento de mão d'obra. Tem mil razões para se preocupar. Se isto assim continuasse, se não se fizesse coisa alguma, se o governo não tomasse as providencias necessarias afundar-se-hia a agricultura certamente e sem appello nem agravo.

E' de prever, porém, que o governo se preocupe do assumpto em questão, tanto mais que é da maior importancia para o futuro da Economia Nacional. Eu sei que o problema é difficil, todavia, com um pouco de boa vontade, certamente a solução se encontrará.

Ora precisamente, hoje, acabo de receber o *Journal of the Board of Agriculture*, n.º 11 de fevereiro de 1916.

Vem elle mostrar-nos como na Inglaterra se pretende obviar á situação. Ali encontro, por exemplo, um *Aviso aos agricultores: Lei de 1916 sobre serviço militar*. Circular do Ministerio da Agricultura, que *poderia inspirar* alguma providencia governamental entre nós, pois certo é, que adaptada ella sem discrepância, sendo Portugal um paiz meramente agricola como é, ter-se-hia descoberto a maneira indirecta de ninguem ir para a guerra.

Pois em virtude d'esta lei sobre o serviço militar, os Departamentos Governamentais da Grande Bretanha ficaram auctorizados a permittir que os mancebos exercendo diversas occupações (designadas sob o nome de *certified occupations*) possam ser isentos do serviço militar, visto que o seu trabalho tem uma importancia nacional. As occupações agricolas assim especifica-

das pelo Ministerio da Agricultura da Inglaterra, são:

Chauffeurs e mechanicos de machinas agricolas, isto é, os individuos encarregados do funcionamento das machinas agricolas, charruas e batadeiras a vapor, conductores e mechanicos.

Operarios agricolas, isto é, capatazes, vaqueiros, carreiros, trabalhadores, etc., criados de quintas agricolas, trolhas e agricultores em geral desde que:

a)—A cultura seja a sua unica occupação e que o seu trabalho pessoal ou a sua fiscalisação sejam indispensaveis para a exploração racional das suas propriedades; ou

b)—Exercendo parcialmente uma outra occupação, que o seu trabalho pessoal de fiscalisação seja indispensavel para a cultura racional das suas propriedades, e que esta cultura seja vantajosa aos interesses nacionaes.

Tratadores de cavallos, isto é, individuos que tratam dos cavallos. *Stud groom* (Es-cocia).

Por outro lado, ainda, encontro no mesmo jornal do *Board of Agriculture* um outro aviso aos agricultores inglezes, com respeito á utilização dos soldados para o trabalho agricola.

Por esse aviso circular vê-se que em virtude da insufficiencia da mão d'obra agricola o *Conselho do Exercito* tomou as seguintes disposições:

Serão dadas auctorisações, na medida que as auctoridades militares o julgarem conveniente e as circunstancias o permittam, a um numero limitado de soldados, em guarnição no interior do paiz, e que estejam habituados aos trabalhos agricolas.

A auctorisação concedida a cada soldado só durará um numero de dias inferior a quatro semanas, effectivamente necessario para executar o trabalho.

O emprego dos soldados será submettido ás condições seguintes:—Será necessario:

a) Que a mão d'obra adequada não possa ser obtida na região;

b)—Que o agricultor proprietario se comprometta a pagar a todo o soldado posto á sua disposição;

1)—4 s. (1\$43) por dia se o soldado se deve sustentar e alojar a si proprio.

2)—2 s. 6 d. se o proprietario agricultor fornece a alimentação e alojamento.

O numero das horas de trabalho terá a duração ordinaria do trabalho jornalceiro no districto.

c)—Que o proprietario agricultor se responsabilise pelo transporte do soldado para a *gare* do caminho de ferro mais proximo.

Os salarios indicados comprehendem todas as retribuições devidas aos soldados e devem ser pagas quer o tempo esteja bom ou mau.

O proprietario não terá que pagar as despezas de viagem.

Os pedidos deverão ser dirigidos ás bolsas do trabalho governamentais que depois os transmitirão ás auctoridades militares. Se o proprietario habitar na proximidade de uma guarnição poder-se-ha dirigir directamente ao official commandante para obter a mão d'obra que deseja mas por um periodo que não exceda seis dias uteis, etc.

Pelo mesmo jornal vemos ainda que o *Ministerio do Commercio* de accordo com o *Ministerio da Agricultura* faz as demarches necessarias a fim de mobilisar o numero de

mulheres suficientes para o trabalho dos campos o que permitiria remediar os inconvenientes da insuficiência da mão de obra agrícola devidos ao recrutamento dos homens para o exercito.

Segundo o mesmo Ministerio julga-se que a mão d'obra feminina que poderia ser utilizada para a agricultura se encontrará principalmente entre as mulheres desoccupadas nas aldeias as quaes teem alguma experiencia de trabalhos agricolas, assim como entre as mulheres que, embora tenham recebido uma melhor instrução, desejem preparar-se para esta profissão. Contribuindo para a realisação dos desejos do *Ministerio do Commercio*, o *Ministerio da Agricultura* constitue n'este momento grupos de *conferencers*, os quaes farão propaganda n'aquelle sentido em reuniões publicas.

O *Ministerio do Commercio*, por seu lado, contractou um certo numero de mulheres para fazerem a propaganda cada uma em certas regiões do paiz.

Por isto que acabo de resumir com respeito ao que se faz na Inglaterra vê bem o sr. J. qual seria a solução para resolver a crise de mão d'obra agrícola que já se sentia em Portugal devido á emigração e agora mais agravada se encontra pela nossa entrada na guerra europeia. O governo, porém, por um processo ou por outro, certamente procurará remediar tal estado de coisas, que já começa a preoccupar algumas Camaras Regioaes de Agricultura.

Porto

Olympio da Costa Veiga Pires

Os pequenos escandalos de Carlsbad

Carlsbad, com os seus banhos de lama e as suas aguas sulfureas, foi uma estação agradável para aquelles que conheceram as satisfações da mesa e da vida. Os gastralgicos, os gottosos e os rheumaticos acostumarão-se a ir procurar ali o restabelecimento da saude. Lá se encontram tambem personalidades celebres, que iam apenas divertir-se.

Alberto Prohevan, que frequentou Carlsbad, d'ali trouxe interessantes recordações. Conta o jornalista que n'essa pequena cidade da Bohemia, durante alguns annos, se encontraram além riquissimos americanos, Lord Salisbury, Eduardo VII, que ali conversou com o sr. Clémenceau, Sacha Obrenovitch, o rei da Servia. Alexandre Marghiloman, o general C... estrategista de quarto, Fernando do Coburgo, etc. N'esse meio—era em 1899—historias divertidas ou sarcasticas circulavam. O general C... dizia, mostrando o principe Fernando:

«Veja-o e diga-me se, com aquelle *facies*, não se é um assassino».

N'essa epoca, contava-se que o nobre de Saxé e de Coburgo não era estranho á supressão de Stambuloff.

O general C... que se encarnicava contra Fernando, accrescentava que o crime fôra praticado para agradar a M.^{me} Boltchhoff.

«O antigo comitadj, que se tornou o general Petroff, referia que, na noite do assassinato, penetrando na alcova até então vedada, o principe, inclinando-se galantemente perante a dama, disse tranquillamente:

«Madame est servie!»

Fernando de Coburgo teve em Carlsbad um idyllo ardente. Apaixonou-se pela joven tcheque que lhe dava a agua morna precisa para o seu fígado doente. O general C... que figurava no numero dos admiradores d'aquella que fôra distinguida pelo futuro czar dos Balkans, mostrou-se furioso, ao vê-la desapparecer da cidade, ao mesmo tempo que o seu rival. Como bom romeno, exerceu a sua vingança. Tendo tido Fernando um concorrente feliz e quasi real n'uma praia da moda, o general C... para lá partiu apressadamente, protographou o casal feliz e expediu uma prova photographica a Fernando, com estes dois versos:

La Maison de France
Ne craint concurrence.



PALLIDA MORS...

Gallieni

Alto, secco, esbrugado, todo ossos e rude de physionomia; fallando muito pouco e trabalhando muito mais; sessenta e sete annos de vida e meio seculo de combates e dedicações, o general Gallieni, que a França perdeu ha dias e a quem a Cidade Luz collocou no Pantheon dos grandes homens, era um militar em toda a acceção da palavra. Não lhe pedissem livros nem discursos que os não sabia fazer; não lhe fallassem em anti-militarismos que a sua alma de patriota e paladino jámais podia conceber; não lhe fossem com desanimos e descreanças no futuro da Patria, porque os não admittia. Amava a terra que lhe fôra berço e a ella consagrou toda a sua vida, todo o seu esforço, todo o seu amor e não será mentira o afirmar que por ella morreu; tinha o arca-boico em demasia roido pela vida trabalhosa que levára e, só um milagre de patriotismo e dedicação o podia suster de pé, escalavrado como se encontrava pelo esforço continuo em prol da terra da boa Lorena, de Bayard, Napoleão e sua tambem. Quando á sua alma cançada de fadgas sorria a perspectiva de um fim de vida sosegado em qualquer isolada casita da terra franceza eis que uma explosão formidavel de odios, de imprecações, de gritos de colera, de ululantes bramidos de cupidez rebentava para lá do Reno, e uma onda formidavel, compacta, arrojando monstros de ferro e cuspidos escumas de metralha avançava irresistivel sobre o luminoso burgo parisiense. Paris estava em perigo: o inimigo occupára Senlis viera por alli fóra e avançava sobre a cidade de Santa Genoveva, a cidade tão caluniada pelos invasores e por elles tão avidamente desejada. Ouvia-se já ao longe o tropear formidavel dos batalhões tudes-cos: a Germania activa e couraçada de ferro, ia emfim apertar nas suas mãos o dorado pomo das Hesperdes com o qual tanto sonhára...

O que foi a obra gigantesca d'este militar, impossivel se nos torna o diz-lo. Ao tomar conta do seu cargo de governador militar de Paris, não fez, como em taes casos é costume, grandes e copiosas proclamações: nada de campanudas e empoladas phrases. Isto apenas e que todos comprehenderam e hoje sabem de cór—«Recebi ordem de defender Paris contra o invasor. Essa ordem execut-a-hei até ao fim». E em seguida dedicou-se á tarefa que lhe fôra commettida. Em seis dias Gallieni reforçava formidavelmente os trabalhos de defeza do campo entrincheirado erriçando-os de espinhos aonde os invasores viria deixar ficar as carnes. Paris estava em condições de aguentar o choque teutão. Deu-se a batalha do Marne e o inimigo, rotas as suas alas, desbarato, esfrangalhado, recuava. Paris estava livre já. Outro que não fosse Gallieni teria preferido, como governador d'uma praça forte reservar as suas tropas apenas para a missão que lhe fôra confiada. Mas o heroico defensor de Paris não o comprehendem assim. Como o inimigo não vinha contra elle, foi elle contra o inimigo: as tropas do campo entrincheirado, sahindo do seu fojo de canhões e metralha arrojaram-se ás ordens do seu general sobre o Ourcq actuando no movimento de contra-offensiva e contribuindo poderosamente para desfazer os castellos de cartas de Von Kluck.

Paris estava livre. Era justo que o seu defensor fosse repousar. Mas a França precisava ainda do seu esforço e nem por som-bras Gallieni pensava n'outra coisa que não fosse offerecer-lh'o. Deram-lhe a pasta da guerra. Mas a tarefa era esmagadora: se estava á altura da sua grande alma; o corpo é que já se recusava, gasto, escalavrado, bati-do pela vida, como no alto mar bravio os barcos pelo temporal. Resistiu cinco mezes e por fim cahiu, exanime. A França pertencia a sua alma inteira: a terra, porém, reclamava o corpo. E em lucta com a eterna Vencedora o general quiz derrubá-la, do mesmo modo que derrubára tantos inimigos da Patria. Perguntouse, deixando retalhar as carnes n'uma dolorosa operação, poderia consagrar um dia só que fosse á sua querida França. Disseram-lhe que sim. Sujeitou-se á operação. Mas a lucta entre elle e a Morte era desigualissima, impossivel. Resistiu uma semana; por fim a sua pallida antagonista derrubou-o, venceu-o, arrebatou-o para sempre...

E' a esse grande francez que a terra gaulleza pranteia hoje: é a elle que acabam, n'uma enorme e commovida apothose, de ser prestadas as homenagens que a França reserva para os que bem a souberam honrar.

Está no Pantheon ao lado dos que amaram a terra de S. Luiz. E elle amou-a muito: está pois entre os seus eguaes, é bem alli o seu logar!...

Kitchener

O lucto que hoje cobre a Inglaterra e a vem encher de profunda amargura, não se limita ás suas fronteiras. Passa muito para além e attinge quantos no grande morto se tinham acostumado a ver o cerebro da guerra e á sua grande nação tinham os seus destinos profundamente ligados. A morte de Lord Kitchener de Khartoum e de Aspell é talvez o mais certo golpe que a Alemanha poderia vibrar na sua poderosa rival; maior do que a destruição de muitos nacios e a derrota de muitos milhares de soldados. Porque o grande general a quem o Mar do Norte hoje serve d'immensa e eterna sepultura era bem, como acima dissemos, o cerebro da Inglaterra na presente lucta: difficil, senão impossivel, será hoje á nossa alliada escolher d'entre os seus illustres cabos de guerra, por muito experimentados que elles sejam—e são-no de facto—quem substitua aquelle que as mãos geladas da morte subverteram nas ondas do Oceano.

Dedicado ao seu paiz como nenhum outro o seria mais; perfeitamente britannico em todo o seu modo e methodo de proceder; audaz, dotado de todas as qualidades necessarias num general para vencer, desde o desprezo pela morte ao desprezo por todo e qualquer sentimentalismo; frio, autocratico, cheio de experiente intelligencia, o cabo de guerra amortalhado pelo Mar do Norte faz hoje falta á Inglaterra e a todos quantos combatem contra a Alemanha.

Tinha a experiencia das grandes batalhas e o saber dos grandes organisadores. No Egypto aonde a sua indomavel energia e valor consummado haviam desfeito o poderio dos derviches commandando os expedicionarios que tomaram Ondurman, e onde ganhara o titulo de lord Kitchener de Kharthoum e Aspell, provou depois todo o seu saber, introduzindo pela sua sabia acção administrativa e organisadora medidas que o impuzeram ao respeito e consideração do povo conquistado. Deu-lhes um parlamento, fez votar leis agrarias que ao antigo reino do Nilo trouxeram a maior das prosperidades agricolas. Estivera no Transvaal onde, até á sua chegada, os *boers* tinham posto em cheque os maiores generaes da Grã-Bretanha: a sua acção acabou por dominar a resistencia, estabelecendo o poder inglez. Na India onde commandára o exercito do seu paiz, tornou a demonstrar quanto valia como organisador: as suas reformas foram as de um alto cerebro e as de um grande inglez. Porém, mais alto do que as suas campanhas na India, no Egypto, no Transvaal: mais do que as suas reformas de sabio organisador, fallam os seus altissimos serviços na guerra actual. A sua actividade na pasta da guerra que lhe fôra confiada em agosto de 1914 foi verdadeiramente assombrosa. A Inglaterra, tão poderosa nos mares, faltava contudo um exercito: Lord Kitchener realisou o milagre de fazer surgir, n'um paiz que não era militar, um exercito de cinco milhões de voluntarios. Era de ferro a sua vontade já o dissemos, e Lord Kitchener não se quiz limitar a organizar o exercito, o que já era uma tarefa esmagadora: foi mais além, procurando uma inteira concordancia de planos entre os alliados; e a sua viagem á Russia, a qual acaba de lhe custar a vida, faz pensar que gigantesco plano seria esse que, dentro d'aquelle cerebro poderoso, se agitava... Militar até á raiz dos cabellos, elle proprio fiscalizou a acção dos alliados no campo da batalha, tendo estado innumeradas vezes na França e em Gallipoli. Depois, não contente com os gigantescos esforços para a organização do exercito inglez de voluntarios, quiz que a Grã-Bretanha, n'um gesto cheio de arrojo fizesse surgir um exercito maior ainda: foi devido a elle, e apoz ter luctado com a maior das resistencias por parte da rotina, que as Camaras inglezas votaram a lei do serviço militar obrigatorio, golpe certo e formidavel que a Grã-Bretanha vibrava na sua poderosa contendor e que irá bem depressa decidir da lucta...

Lord Kitchener faz falta ao seu grande paiz. A Alemanha não venceu a rival odiada, não a vencerá, mas jogou-lhe um bote que a deixou bem ferida—a morte do seu melhor general. E pensa a gente se realmente era no meio da lucta ingloria das trincheiras, porventura despedaçado pelos estilhaços d'uma granada ou ferido por uma bala, que o vencedor do Egypto, o general experimentado da India, do Transvaal, e o organisador da Inglaterra como potencia militar, devia ir encontrar a morte... Quer-nos bem parecer que os allemães nenhuma outra sepultura melhor poderiam cavar para o grande cabo de guerra senão aquella que elle teve—a formidavel, a immensa e esplendorosa urna das aguas do Oceano!...

MUSICA

CARTAS

A UM

COMPOSITOR CELEBRE

POR

RUY COELHO



MESTRE: Ha dias fui a Mafra, e ali comecei as indagações sobre os elementos que estou procurando para um estudo da Musica Portuguesa, apesar d'este genero de trabalhos ser muito maçador em vista da pouca attenção que elle tem merecido aos nossos eruditos musicaes e ao Estado. N'estes dominios espirituaes, que são o grande patrimonio da raça, reina o cahos. Nada se sabe. E' claro que, entretanto, creio que a estas horas já não existem nas bibliothecas do paiz todas as obras que representassem valor monetario, immediato. Veremos. Na bibliotheca de Mafra, aonde passei algumas horas d'uma bella manhã d'um dia lindissimo, consegui encontrar importantes documentos musicaes para o meu paiz, que forçoso se torna, desde já venham para a bibliotheca do Conservatorio, assim como todos os originaes que se encontrem em todos os archivos do paiz.

Lá folheei tres *Mattutini di S.to Antonio*, Del Sig.^{re} M. Portugallo (1807) para 5 orgãos e vozes (quartetto) escriptos sem duvida para as Festas Reaes, na Basilica.—In ocasião del Felice Restabilimento di S. M. T.—O 1.^o Notturmo começa com Orgão, em ré maior, e com a entrada do 2.^o orgão, entram o côro e os solos. O tenor logo na 6.^a pagina tem 3 compassos quasi impraticaveis.

Este Notturmo deve ser d'um bello effeito, apesar da monotonia da epoca.

Seria interessante e artistico, fazer em Mafra a audição d'estas obras portuguezas. De resto só em Mafra ellas podem ser executadas, porque só ali existem cinco orgãos.

Tambem encontrei originaes de P. M. F. Bernardo; uma missa a 2 côros, e 5 vozes.

Tem coisas magistraes. O—*Gloria in excelsis Deo*, n'um unisono em sol maior, é do mais sublime e christão que eu conheço em musica!

E' bello, bello!

Lá existe, Missa de Cantochão figurado, 1 voz e côro, de João de Sousa Carvalho; outra de José Joaquim dos Santos, Mestre do Real Seminario da Santa Igreja Patriarchal, de 1800; e muitos originaes d'italianos,—Palomino, Mazzioti, Baldi, Puzzi.

O mais extraordinario é que uma só missa de Marcos Portugal, peza duas arrobas, 30 kilos, e tem tres palmos d'altura e cinco de largura.

Veremos se posso encontrar nas outras bibliothecas do paiz, nos archivos, e ainda na de Mafra, novos documentos, e se é possivel fazer-os juntar todos na bibliotheca do Conservatorio.

A ideia está lançada, e agora já vejo a possibilidade de estabelecer a tradição musical portugueza, que existe, apesar dos Mestres de 1800, serem impessoaes, italianos do peor; para lá d'estes, 3 seculos antes, é que devem existir os portuguezes puros. Aonde estarão esses documentos? E' o que é preciso encontrar.

—Depois de ter feito os meus estudos na bibliotheca, fui passar uma vista d'olhos aos orgãos. São velhos, muito velhinhos... mas ainda servem. Lá fiquei toda a tarde improvisando. Nunca me senti tão consciente do meu destino! Soberbo! Tocamos a dois orgãos, eu e o meu amigo Doria Meunier, pianista que agora é soldado ali, o prologo da minha *Camoneana* n.^o 1. No fim, apesar de na igreja estar alguma gente eu não pude deixar de dizer estas palavras que encheram a igreja: «Estes estudados não sabem que só este prologo marca esta epoca»—elle rematou d'esta forma: «Bestas» e á seguir repetimos o hymno a Camões muitas vezes.

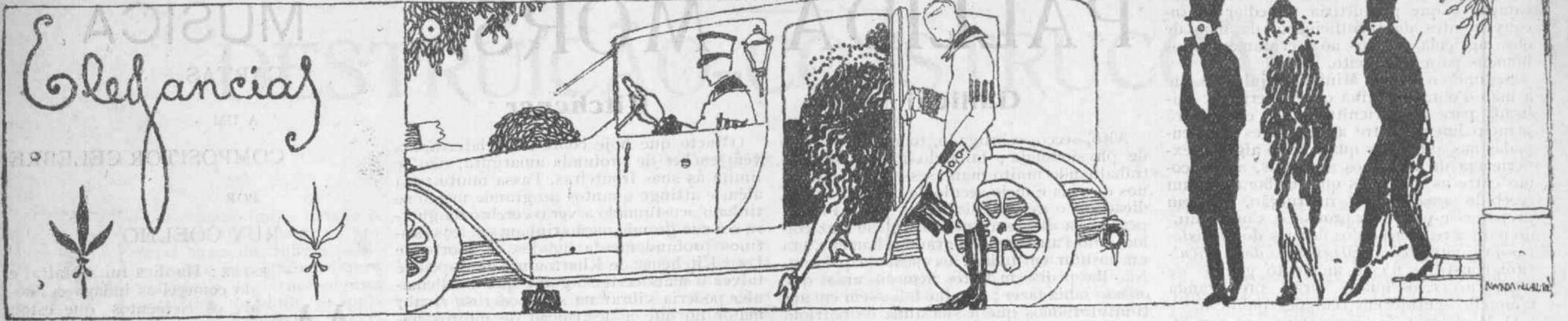
Então passou-me pelo espirito... muita coisa, e... ha coisas que não quero lembrar, basta que ellas vivam na minha musica, porque ali ao menos não chegam as leis acanhadas das sociedades, em que domina a insensatez, a inveja, a inconsciencia, todos os vicios e pouquissimas virtudes, em que ás leis mais absurdas se chama justiça.

A' nossa musica só lá chegam os espiritos que se elevam. Os outros andam muito de rojo.

«Sursum corda».

Adens Mestre. Até sempre.

RUY COELHO



CHRONICA DA MODA

Paris, junho de 1916

As bellas noites de junho vão-nos tornar a trazer as reuniões nocturnas, os *garden-parties* da meia noite, a que a lua amarellada empresta magicos efeitos de luz que mais poetica a tornam ainda. E' para essas formosas noites que a arte infinita das grandes modistas vae combinar maravilhosas innovações.

E que variedade infinita se nos apresenta, que enormes recursos não traz aos grandes alfaiates a multidão de tecidos artisticos, desde o *organdi*, o *tulle*, o *foulard*, que sei eu! Tudo será tecidos sedosos, leves e finos que mais encantos irão trazer á graça feminina de quem os usar.

As saias tornam-se cada vez mais largas, mesmo muito largas: tem comtudo o merito immenso de permanecer curtas, o é de summa utilidade e attractivo desde que se trate de caminhar ou dansar. E que existe, acaso, mais cheio de juventude, mais cheio de leveza do que essas ondas de tecido fino que se balançam alegremente por cima de um delgado tornozello?

Porque, socegae, encantadoras e queridas leitoras minhas! este anno ainda se dansará! Sim: dansar-se-ha e os nossos *poilus* alegrar-se-hão immenso com tal coisa porque as nossas festas irão levar um pouco de felicidade áquelles que soffrem na frente de batalha. Mesmo, deixem que lhes diga: esta serenidade de animo porventura não servirá para lhes provar aos pobres soldados melhor que tudo, a nossa confiança inabalavel na sua bravura?

Danças-se-ha, repito; e Vienna e Berlim não de comprehender melhor que é n'este estado d'alma que nós estamos.

Vi para as encantadoras reuniões ao luar, vestidos verdadeiramente deliciosos.

A maior parte, decotados, já se deixa ver. Um d'elles era em *taffetas bleu paon*, com uma saia muito larga, franzida em redor da cintura, um volante de musselina do mesmo tom debruado por um estreito vize de *taffetas*; de espaço a espaço ornavam-nos alguns *noeuds* collocados por cima do volante. O corpinho de mangas curtas e *bouffantes* era enfeitado sómente com um plissado de musselina *corail* que acompanhava ás mil maravilhas o decote.

Um outro vestido era em *organdi, pétale de rose*, e a saia formava tunica terminada por uma orla à *jour*. O conjunto, de pré-gas, era preso por um largo cincto de velludo *bleu ocean*.

Havia outro em crepe *Georgette*, côr de marfim, muito vaporoso, muito fino; tinha por unico enfeite galões imitando prata velha que davam á *voilette* uma nota de accentuada elegancia. Outro ainda, era em musselina de seda *tulleul*, com uma saia de tres volantes sobrepostos, cada um dos quaes bordado a fino galão de perolas e dizendo com o vestido. O corpinho, terminando em ponta, era egualmente guarnecido a perolas. A cintura era em largos pannos de velludo, *vert mousse*, idealmente leve.

Vi outros, muitos outros mesmo, encantadores tambem, todos cheios de sedução, uns mais tentadores do que os outros e perante esses tecidos preciosos, de tintas de sonho, pensei então que a elegancia era bem um dos perfumes mais capitosos do Eterno Feminino!

GRISELIDIS

CONSULTORIO DO AMOR

Cahiram-me em cima o Carmo e a Trindade por causa da historia do carvoeiro da minha terra! Que não devo medir as mulheres todas pela mesma bitola, que nem todas são mal agradecidas, que ha dedicações de mulheres que, só por si, bastariam para divinizar a classe, etc. De todos os cantos do paiz me chovem cartas em que me são feitas as mais severas recriminações! Peço humildemente perdão! Bem entendido que não era minha ideia que a historia fosse tomada ao pé da letra, pois que um caso *agudo* nunca pode servir de norma. O que eu queria era demonstrar que no fundo de todas, ou quasi todas as almas femininas,

existe em embrião aquelle sentimento que levou a Estruliana a ser tão ingrata para o pobre carvoeiro. A mulher em geral não se sente no dever de ser grata para com o homem porque julga sempre que é ella quem faz o favor de se deixar amar, e que tudo merecendo a nada deve ser obrigada. Se a leitora folhear a sua memoria verá que tenho razão!

E' lembrar-se d'aquelle pobre cadete de pernas finas e bonet ao lado, que, todas as tardes, com uma pontualidade admiravel, lhe passava á mesma hora por debaixo das janellas. E V. Ex.^a troçava-o com as suas amigas, e chamava-lhe a sua hora official.

Lembre-se d'aquelle outro que a seguia por todos os animatographos, muito triste, muito succumbido, que assistia ao desenrolar das fitas do Max com o ar de quem recebe pesames...

Rebolava-lhe uns olhos capazes de commover as pedras... E o coração de V. Ex.^a não se commoveu!

Não quero dizer que não haja dedicações femininas admiraveis, e ainda um caso succedido na minha aldeia m'o vem confirmar. Vou contal-o no proximo numero para aplacar as descontentes. Hoje não ha espaço.

João Semana



UM NOVO INQUERITO

ALGURES, 30-5-16

Sendo mulher, é arranjar-lhe um marido; sendo homem, é evitar-lhe o casamento.

Alguem

Abdicar n'esse «alguem» a propria forma de ser e pensar.

Monica da Fontinha

A maior prova de amor que se pode dar á pessoa amada é sacrificar-lhe o que tivermos de mais querido.

Jac

Sr. João Semana:

Para os meus sitios, a maior prova de amor que se pode dar é andar atraz da pessoa amada, pelos morangaes, jardins e pinhaes,—uma especie de sombra atraz do condemnado.

D. Miloca

Sr. João Semana:

A maior prova de amor que se pode dar a alguem varia conforme a pessoa que a dá. Assim para um homem cheio de valor, e de espirito, é sentir-se acanhado e covarde ao pé de uma mulher. Para o timorato, é manifestar-se arrojado. Conheci um que mandou uma vez a uma dama um ramo de flores que lhe custou cinco mil réis. Era avarentissimo. Julgo que nunca uma maior prova de amor foi dada a alguem! Em conclusão; creio que o amor só é digno de ser escripto com A quando dá como prova a transformação da creatura a abdicção da sua maneira de ser, a sujeição absoluta perante o ente amado.

Um amorudo

QUE HORROR!

(CONTO)

Quando soube do horrivel malificio a que James Simonson a associára, e de que na melhor boa fé se tornára cumplice, a sr.^a Poncel quasi cahiu para a banda! Semelhante horror! Pensem bem no que não sentiria uma pessoa cheia de confiança e bondade, incapaz de matar uma pulga?!

Que patife, o tal sr. Simonson!

Mas o melhor será contar a historia:

A sr.^a Poncel não podia soffrer a ideia de deixar sem assistencia um pobre animal doente ou abandonado. Se via um cão sem dono, ia logo para elle: «Anda cá, bichinho, volta aqui!» E, com esse instincto que não engana, o cão adivinhando uma amiga n'aquelle gesto e no tom de voz da velhota, approximava-se pressuroso para receber primeiro uma caricia, e em seguida qualquer mimo que a sr.^a Poncel desentranhava do fundo da sua malinha. Nas profundas de esse precioso objecto, existiam sempre, como se fossem bonbons, ossos, codeas de queijo, e outros restos das suas refeições, o que seja dito sem maldade, lhe dava um vago perfume de barril de lixo.

Quando encontrava um d'esses marotos que andam á caça dos cães vadios, na mira dos trinta *sous* que a policia paga por cada um que se lhe leva, e que depois manda abater, corria para elle bradando:

«Vaes levar o pobre animal ao açougue?!

Vaes fazel-o assassinar, não é assim?!

—«E o que tem a senhora com isso? O cão é seu?»

—«Não, mas não consentirei que o matem. Aqui tens quarenta *sous*, e dá cá o animal. Eu tomarei conta d'elle!

Este systema deu o seguinte resultado: um bello dia a sr.^a Poncel encontrou-se proprietaria de setenta e sete cães, o que a obrigava a mudar de casa todos os mezes, com um processo instaurado pelo senhorio. Chegou mesmo ao apuro de não encontrar onde se abrigar com os setenta e sete pensionistas.

Um dia, em um dos seus melancolicos passeios, deparou com o seguinte letreiro pregado n'uma porta:

«Recebem-se cães vadios. Dirigir-se ao porteiro».

—«Emfim! exclamou a boa senhora. Aqui está uma alma compadecida. Vou talvez encontrar collocação para alguns dos meus pobres cachorros...»

O porteiro indicou-lhe ao fundo de um pateo a casa do sr. Simonson, americano chegado ha pouco.

—«Sim, minha senhora, recebo cães, respondeu-lhe o americano imperturbavel.

—«E' que eu tenho muitos... ousou dizer a senhora, tenho mesmo demais, visto que me não querem como inquilina em parte nenhuma... E por isso desejava desfazer-me de alguns. Quantos poderá receber-me?»

—«Quantos quizer, replicou o homem no mesmo tom.

—«Os que eu quizer?... Mas o que o senhor não sabe é que possuo setenta e sete?!

—«Pois mande setenta e oito, se lhe convier. E'me indifferente, retorquiu Simonson com a mesma impassibilidade.

—«O senhor é um coração de oiro! exclamou a pobre creatura agarrando a mão do americano e apertando-lh'a commovida. Eu tive o presentimento ao entrar aqui que ia encontrar-me na presença de uma alma de elite, mas nunca fui tão longe na minha expectativa.

—«Traz os cães? respondem Simonson parecendo não reparar nos elogios da visitante.

—«Não trago.

—«Devo mandal-os então buscar?»

—«Não se incomode, eu os virei cá trazer. Mas que destino lhes vae dar?»

—«Mandal-os-hei para a America. Tenho uma grande encomenda de cães.

E a sr.^a Poncel recordou-se ter ouvido dizer que os animaes são ali muito estimados.

No dia seguinte, encantada de conseguir finalmente installar-se, e de poder dormir descansada na sua cama, a boa senhora levou a matilha a casa de Simonson. E d'ahi

em deante toda a vez que deparava com um cão vadio, ia entregal-o ao seu bemfeitor.

—«Ah! exclamava ella transportada,—estou doida com este homem! Não tenho muita vontade de me tornar a casar... Recusei mesmo já alguns bons partidos, desde que enviuei, mas se o sr. Simonson solicitasse a minha mão, dizia-lhe «sim» duas vezes!

Mas um dia a verdade patenteou-se á sr.^a Poncel em toda a sua hediondez: o americano Simonson era tão bom como os garotos que iam entregar os cães vadios para a policia abater! Recebia-os para os assassinar!

E sabeis para que fim?
Para muito simplesmente os enviar para Chicago a fim de serem utilizados em carnes de conserva!!

E. BÉNÉZIT



AT HOME

Agora que se approxima a epocha de ir para o campo, e que o mobilar as casas que nos vão servir de *quadro* durante os mezes de verão preoccupa certamente mais de uma das leitoras da *Ideia Nacional*, lembramo-nos de dizer algumas palavras sobre tão momentoso assumpto. Nada se presta mais para este genero de mobiliario do que as mobílias de verga á inglesa, ou, mais modestamente, as nossas da Ilha pintadas a ripolin. Para uma mulher de gosto e que aprecie a sua casa, constitue um dos maiores prazeres o adorna-la, dispol-a por forma a que não haja collocação de *bibelot*, disposição de cadeira que não seja obra sua. Ha mil maneiras de variar ao infinito essa disposição, e assim a casa passa a fazer parte da individualidade da mulher que sobre ella superintende.

Achamos do melhor gosto, principalmente para casa de jantar, o genero portuguez antigo, e quando dizemos portuguez antigo não queremos dizer as pezadas mobílias de pau santo, improprias para campo, mas o estylo adaptado a coisas mais simples e baratas. Damos a seguir uma ideia de casa de jantar n'este genero:

As paredes forradas até meio de azulajo barato, e, quando isso não seja viavel por não ser casa propria, com esses grandes lenços de chita muito portuguezes, de fundo azul escuro com ornatos e florões em amarello, encarnado e branco, ou então com fundo amarello e desenhos brancos. Estes lenços serão enquadrados em reguasinhas de madeira, e rematados em cima por uma prateleira que tenha approximadamente dez centimetros de largo, com uma gradesinha em volta.

Lenços mais pequenos tapando as bandeiras das portas, presos em baixo por uma prateleirinha igual á do lambris.

Uma ou duas arcas, uma ou duas pequenas mesas de pés altos, que se encostam á parede servindo de aparador, e sobre o tempo das mezas e arcas uma cobertura de pano branco, com um folho que fica pendente, e que deve ter approximadamente vinte centimetros de largo. Na extremidade d'este uma renda de linha ou crochet. Cantoneiras de vidrinhos pequenos, cadeiras de tripeça, uma mesa quadrilonga para jantar, umas prateleiras sobrepostas que se usam ainda nas aldeias e que servem para pôr os pratos ao auto, cortinas de cassa branca nas janellas, e teremos o mobiliario completo.

Resta acrescentar que a parede acima do lambris deve ser branca, como se fosse caida, e que sobre a prateleirinha que rodeia a casa e encima as portas, bem como sobre as mesas-aparadores, se devem ostentar loiças portuguezas, pratos de Coimbra com os seus ingenuos desenhos, jarras das fabricas de Santa Anna e Torrinha, canecos do Mi-

CARNET DA SEMANA

Semana elegante

BOATOS... BOATOS...

Consta-nos que se realisa brevemente uma peça em francez, outra em hespanhol e um acto da opera de Puccini *Madame Butterfly*. Esta recita realisar-se-ha n'um dos nossos primeiros theatros e será organisa-da por um grupo de senhoras da nossa aristocracia.

—Está despertando o mais vivo interesse uma recita extraordinaria que no fim do mez se vae realisar no antigo theatro de D. Maria II e para a qual já ha numerosos pedidos de camarotes e plateas.

As pessoas que assistiram á recita do dia 25 de abril, no Gymnasio, teem preferencia aos seus logares, devendo fazer os respectivos pedidos, com a possivel brevidade, para Carlos de Vasconcellos e Sá, Rua do Possollo n.º 9.

RECEPÇÕES

Sabbado 20—Recepção semanal na elegante residente da sr.ª D. Amelia Burnay Morales de los Rios e na quarta-feira, 24, em casa da illustre poetisa sr.ª D. Mécia Monsinho de Albuquerque.

RECITA DE CARIDADE

Continuam muito concorridos os ensaios da recita de amadores que brevemente se realisa no antigo theatro de D. Maria II, cuja direcção artistica está a cargo da sr.ª D. Magdalena de Trigueiros de Martel Patricio e do sr. Conde da Figueira (D. Luiz).

CONFERENCIA

O illustre escriptor dr. Alfredo Pimenta proferirá no sabbado, 20 do corrente, no salão nobre da Liga Naval, uma conferencia sob o titulo *A missão da geração nova*.

FESTA PARA CRIANÇAS

Realisa-se no dia 25, nos elegantes salões da Liga Naval Portuguesa, uma esplendida festa de caridade, para crianças, promovida por uma comissão de senhoras, da qual fazem parte:

D. Carlota de Faria Campos, Condessa da

Castanheira, Condessa de Sabugosa e de Murça, D. Laura Palha Infante de La Cerda, D. Luiza de Almeida e Vasconcellos Cabral, Marquiza de Unhão e D. Maria Augusta de Faria Campos que teem envidado todos os seus esforços para que esta festa revista todo o brillantismo.

Haverá grande numero de surpresas para as crianças.

A illustre comissão, tem já recebido grande numero de pedidos de bilhetes, podendo elles tambem ser requisitados na secretaria da Liga Naval, onde se dão todas as informações.

SARAU-CONCERTO

Realisa-se hoje, pelas 9 horas da noite, um Sarau-Concerto no Salão Nobre da Liga Naval, promovido pela sr.ª D. Elisa Cardoso, distincta pianista, em que mui obsequiosamente tomam parte as sr.ªs D. Maria Emilia Frazão, D. Emma Cordeiro e D. Elisa Cardoso, e os srs. Arnaldo Pitta Simões, Eduardo Marrecas Ferreira, Julio Caggiani e Eduardo Paiva de Magalhães.

Esta festa, promete ser muito concorrida, não só pelo valor artistico das pessoas que n'ella tomam parte, mas tambem pelo excellent programma.

ANNIVERSARIOS

Fazem annos:

Hoje, as sr.ªs: D. Benedicta de Castro Osorio, D. Palmyra Folque de Oliveira Feijão, D. Sophia de Castello Branco de Castro e Almeida e D. Christina de Andrade Bastos Reynolds.

E os srs.:

Eduardo Selwbach Lucci, Alberto Mendes de Carvalho, Miguel de Barros e D. Duarte Salena Manuel (Atalaya).

A'manhã, as sr.ªs: D. Maria José de Ortigão Burnay de Gusmão, D. Francisca Manuel de Menezes Cardoso e Silva de Cabedo e Vasconcellos (Zambujal) e D. Josephina Wrem da Silveira Vianna.

E os srs.:

Conde da Esperança, Barão de Areia Larga, Manuel Vicente Graça Zegallo, Vasco de Brito (Ermida), Henrique da Guerra Quaresma Vianna e Manuel da Silva Gomes.

Dia 20, as sr.ªs: D. Arminda de Castro Silva e D. Leonor Kluff Lopes da Silva.

E os srs.:

Antonio Cyrne de Sousa Madureira e Manuel de Carvalho.

Dia 21, as sr.ªs: D. Andulina de Moraes Carvalho, D. Eugenia de Lancaster d'Orey, D. Maria Clara Saldanha da Gama Vanzeller, D. Margarida Pereira de Carvalho Coito, D. Maria Thereza Canavarro de Almeida e Brito e D. Anna de Jesus Maria da Camara Berquó e o sr. Manuel Joaquim de Sousa Machado.

Dia 22, as sr.ªs: Condessa d'Edla, Condessa de Arnoso, D. Angelina Ponte Leite de Marchetti-Ferrante, D. Alice Braga Rebello da Silva, D. Barbosa Laxman Ferreira Pinto Basto e D. Sophia Bähr e o sr. Francisco de Carvalho Queriol Vieira.

Dia 23, as sr.ªs: D. Maria Anna de Cabedo e Vasconcellos Pereira da Cunha, D. Maria Bertha de Ortigão Ramos de Castel-Branco e D. Maria Anna Perestrello Soares Branco.

E os srs.:

Bartholomeu Perestrello de Vasconcellos, Eduardo Nunes Perestrello de Vasconcellos e Alfredo Hunter Reynolds.

Dia 24, as sr.ªs: D. Laura Ferreira Pinto Figueira Freire da Camara, D. Maria José Trigo Rava e D. Isabel de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres.

E os srs.:

D. José de Serpa Pimentel, D. Vasco Antonio da Camara, João Marcellino de Azevedo, José Ignacio de Saldanha da Gama de Miranda e Vasconcellos.

Vida theatral

AGENDA

Hoje—Nos Gymnasio e Eden, recitas da moda; no Avenida, recita de Gorjão e Miranda de Castro; no Olympia, *matinée* e *soirée* elegante e na Liga Naval, Sarau Concerto.

A'manhã—Nos Avenida e Apollo, recitas da moda e nos Chiado Terrasse e Foz, sessões da moda.

Sabbado—No Cinema Condes, *soirée* elegante e em Palhavã, concurso hippico.

Domingo—Em Palhavã, concurso hippico e no Campo Pequeno, corrida de touros. Segunda-feira—No Olympia, *matinée* e *soirée* da moda.

Terça-feira—No Chiado Terrasse, *soirée* da moda.

Quarta-feira—No Republica, festa de Luiz Cardoso e no Polytheama, recita da moda.

NOVIDADES

Foi entregue á empreza do antigo theatro D. Maria II uma peça historica original de Marcellino Mesquita, em prosa e verso, *D. Pedro, cruel*.

—Consta que o antigo theatro D. Amelia será explorado no verão por uma sociedade, de que é gerente o sr. Lino Ferreira.

A inauguração realisar-se-ha com uma revista em 2 actos.

—No dia 23 sobe á scena no Avenida a peça em 3 actos *A fitinha vermelha* na qual se estreia a gentil actriz Bertha de Albuquerque.

—Parte no fim do mez para o Brazil um novo turno de revista que ali irá dar uma série de representações sob a direcção de Luiz Galhardo.

ESPECTACULOS DA SEMANA

No REPUBLICA—Dia 18—Recita de Luiz Mendes, com uma das melhores peças do repertorio. 19 a 23—Reprise de varias peças. 24—Festa de Luiz Cardoso.

No NACIONAL—Dia 18—Recita extraordinaria, com *Os Velhos* e o 2.º acto de *Coimbra terra de amores*. 20—Festa de João Calazans, com *O amor de perdição*. 21—*O amor de perdição*. 22—Festa de Pato Moniz Kean, estreia de sua filha. 23—Recita de Rosina Rego, *Coimbra terra de amores*.

No AVENIDA—Dia 18—Recita de Alberto Gorjão e Miranda de Castro, *O casamento da menina Benlernaus*. 19, 20 e 21—*O gaiato de Lisboa* e *Conflicto de alma*. 22—Festa artistica de Aura Abranches, *A garota*. 23—*Première* de *A fitinha vermelha*. 24—*A fitinha vermelha*.

No GYMNASIO—Dia 18—*O Pae do regimento*. 19—Beneficio com *Embora o diga*. 20 e 21—*O Pae do regimento*. 22—Festa de Carlos Machado *O Manequim*. 23 e 24—*O Pae do regimento*.

No TRINDADE—Dia 18 a 24—*O dia de julho*.

No EDEN-THEATRO—Dia 18 a 24—*O 31* com o quadro novo *A' ultima hora* (por sessões).

No APOLLO—Dia 18 a 24—*Nabos da pucara* (por sessões).

No POLYTHEAMA—Dia 18 a 24—*Companhia de variedades* (por sessões).

D. NUNO

PARA OS NOSSOS FILHOS

A FILHA DO MESTRE FERNÃO

(Novella historica)

POR

MARIA PAULA DE AZEVEDO

CAPITULO I

Uma visita nocturna

Apesar de ser já tarde, em casa de mestre Fernão Henriques, algibebe muito bem afreguesado do bairro de S. Domingos, havia ainda luz.

Mestre Fernão trabalhava até tarde quasi todas as noites, e a sr.ª Mafalda, mulher d'elle, costumava ajudal-o nas costuras, se- roando assim os dois até depois da meia noite.

—P'ra quem é este gibão?—Interrogou a sr.ª Mafalda com curiosidade.

—P'ra mim não é—respondeu mestre Fernão.

—Ora pois! Como se eu não adivinhasse já que é p'ra o freguez novo, que aqui veiu ha dias! Diz lá que não, se és capaz?

—Cala-te bocca! Que para curiosas não tenho eu paciencia!

—Porque m'ó não dizes?—insistiu a sr.ª Mafalda novamente.—E' p'ra o das barbas?

—Qual!

—E' para o conde?

—Louvado Deus, olha que és mais curiosa que eu sei lá. Pois fica sabendo que é p'ra o freguez novo que aqui veiu ha dias. E agora?

—Bem m'ó dizia o coração. Pois queres saber uma coisa, homem de Deus? Não me aprez a cara d'elle; tem assim a modo um olhar de lado, que parece o démo disfarçado. Cruzes!—e a sr.ª Mafalda benzeu-se.

Mestre Fernão encolheu os hombros e continuou a trabalhar, com a bocca cheia de linhas.

—Sabes o que me disse hontem a tia Bernarda? que isto não está bom, homem; que anda coisa no ar; que o démo arma-as bem; e que se a gente se não acautela, está aqui está a pedir pão ás alminhas!

—Só lhes gabo a paciencia—resmungou o algibebe.—Lá p'ra tagarelar está a tia Bernarda sempre prestes.

—Pois sabe que não é só ella—exclamou a sr.ª Mafalda levantando-se excitada—queres ouvir o que me disse o cego cantador hontem ás Trindades?

—Dize, se queres, que eu tanto se me dá ouvir como não.

—Pois has-de ouvir, e sempre te digo uma coisa, meu homem: os cegos não teem a vista dos olhos, não, mas teem a da alma e veem longe!

—Então que viu o cego?

—Viu coisa no ar, como a tia Bernarda; e poz-se-me a contar uns lamentos, umas tristezas, que eram mesmo de chorar.

N'isto chegou-se-lhe a nossa Brianda e deu-lhe o quartinho do pão; elle pegou-lhe na mão e disse assim:

—Nossa Senhora te proteja, moça, te livre do mal e te deixe fazer o bem...

—É isso que tem?

—Eu larguei a prantear...

—Não sei porquê, mulher. Anda, pos- ponta-me lá essa costura e deixa-te de pensar tolices.

A sr.ª Mafalda suspirou, sentou-se e pegou na costura sem dizer mais nada.

Uma forte pancada na porta da rua veiu interromper o serão dos conjuges.

Mestre Fernão levantou-se, destrancou a velha porta e perguntou, antes de abrir:

—Quem sois? que quereis?

Uma voz de homem respondeu da rua:

—Abri, mestre Fernão; é um freguez vosso que vos quer falar.

—Não abras, homem, que a esta hora não é gente de bem—aconselhou a sr.ª Mafalda.

O algibebe abriu com cuidado e um homem de alta estatura, rosto sympathico e intelligente, entrou devagar.

—Quería falar-vos, mestre—disse o recémchegado, olhando para a sr.ª Mafalda.

—Mulher, ide-vos deitar, que é mister ficarmos sós—ordenou o algibebe gravemente.

A sr.ª Mafalda ficou descontente; mas retirou-se para o quarto de traz, com a firme tenção de escutar á porta.

Comtudo, o marido previu esse caso e depois d'ella sahír fechou a porta no ferrolho e levou o seu companheiro para uma pequena alcova que havia ao lado do quarto onde estavam, e que dependia d'esse mesmo quarto.

—Podeis falar á vontade, senhor doutor João Pinto Ribeiro...

—Não digaes o meu nome, mestre Fernão; para quê? As paredes teem ouvidos, bem o sabeis—disse o outro.

—O vosso gibão está em bom caminho—continuou o algibebe—e minha mulher ainda não deu pelas algibeiras secretas: ali póde Vossa Senhoria metter todos os papeis que queira; desafio seja quem fôr a dar com elles.

—Bem—volveu o outro.—Mas não é para vos falar d'isso que vim a esta hora procurar-vos.

A'manhã devem reunir-se alguns dos nossos onde vós sabeis.

Sei, porém, que entre elles se occulta um traidor! Um homem afiliado ao odioso Miguel de Vasconcellos!

—Um portuguez?!—perguntou o algibebe com sincero espanto.

—Não!—exclamou o outro—um castelhano ao serviço d'elle, que se intitulou D. José de Abreu, e se mostra muito exaltado e patriota.

—Mas na fala não percebestes que o homem é hespanhol?!

—Fala o portuguez tão bem como nós...

—E tendes a certeza?

—Completa. Esse infame Miguel de Vasconcellos é o mais vil dos traidores á Patria!

E paga a castelhanos para que sejam os delatores e os espiões dos seus irmãos d'elle!

—E que quereis de mim, senhor?

—Ouvi. A'manhã é, a bem dizer, a primeira reunião importante. E' mister que esse hespanhol não vá; que seja apanhado, amordaçado e mesmo...

—Morto?!—articulou mestre Fernão baixinho.

—Só em ultimo caso—respondeu o outro.

—Bem sabeis que não queremos sangue; queremos apenas soltar o grito da liberdade e livrar emfim a nossa Patria do jugo do estrangeiro.

—Ah aquellos hespanhoes...—murmurou Fernão raivoso.

—Não se trata de serem hespanhoes—retorquiu o outro com força.—E' o estrangeiro que nos opprime, e nós portuguezes nunca fomos escravos de ninguém. A nossa Patria sempre foi livre Fernão! E livre a queremos sempre.

—Mas como conhecerei eu o hespanhol?

—Ahi está a difficuldade; mas sabendo que elle se intitula D. José de Abreu, não é isso mais facil?

—O algibebe meditou alguns segundos. Descançae, descansae que ora me lembro d'uma coisa—disse elle de repente.—Parece-me que conseguirei o que desejaes.

Ide em socego, que eu tenho uma ideia!

—Deus seja comvosco, Fernão—disse o outro abrindo a porta da rua, e desaparecendo na noite escura.

(Continúa)

INDICAÇÕES UTEIS

"LE CORRESPONDANT,"

TERÁ COMO AGENTE EM PORTUGAL "A IDEIA NACIONAL"

Os jornais portugueses já se tem referido em diversas ocasiões a esta notável publicação que é actualmente a mais importante e a mais auctorizada Revista europeia e que sempre se interessou altamente pelas questões portuguezas, tendo publicado ultimamente um artigo sobre a intervenção de Portugal no conflicto das nações, que provocou em França, na Inglaterra, em Italia e em Hespanha o mais justificado interesse.

LE CORRESPONDANT é collaborado pelos mais celebres escriptores de todo o mundo. O noso Director, sr. Homem Christo Filho, que já ha annos vinha sendo solicitado para collaborar assiduamente no CORRESPONDANT e lá publicára varios artigos em 1912, 1913, 1914 e 1915 mas não pudera ainda aceitar o encargo d'uma collaboração permanente, apesar dos reiterados convites da Direcção por lh'o não permitirem os seus muitos compromissos litterarios, fechou finalmente contracto com a grande Revista franceza no principio d'este anno. LE CORRESPONDANT tem pois publicado e continuará publicando, nos dias 10 e 25 de cada mez, estudos sobre questões opliticas, economicas e litterarias estrangeiras e relativas especialmente a Portugal, Hespanha e paizes de lingua hespanhola ou portugueza, estudos de que é auctor o sr. Homem Christo Filho, embora nem sempre venham assignados.

LE CORRESPONDANT é a unica revista de França e Inglaterra cujo preço de assignatura para o estrangeiro não é augmentado. Assim, ao passo que a REVUE DES DEUX MONDES, por exemplo, custa 62 francos por anno em Portugal, LE CORRESPONDANT custa apenas 35 francos, o mesmo que em Paris, ou seja quasi metade da REVUE DES DEUX MONDES.

Todos os portuguezes que quizerem estar ao corrente do movimento intellectual contemporaneo, conhecer com profundeza as questões de ordem politica, economica, religiosa, social, financeira, diplomatica, que agitam a Europa devem assignar LE CORRESPONDANT.

Para isso basta dirigir um postal ao SECRETARIO GERAL D'A IDEIA NACIONAL, Rua da Emenda, 45, r/c. LISBOA, onde se dão todas as informações e se encontra á venda a grande Revista franceza.

LE CORRESPONDANT vende-se tambem na LIVRARIA FERREIRA, Rua Aurea, Lisboa.

L'ECLAIR

GRANDE JORNAL DIARIO DE PARIS
ABSOLUTAMENTE INDEPENDENTE

PUBLICA DIARIAMENTE UM ARTIGO DE HOMEM CHRISTO FILHO, SOBRE QUESTÕES DE POLITICA INTERNACIONAL, QUESTÕES DE ARTE, LITTERATURA E ECONOMIA; SEGUE COM ESPECIAL ATENÇÃO AS QUESTÕES RELATIVAS A PORTUGAL, HESPAHNA E AOS VINTE E DOIS PAIZES AMERICANOS, DE RAÇA E LINGUA HESPAHOLA OU PORTUGUEZA, TENDO PARA ISSO CREADO EM 1914 UMA SECÇÃO DIARIA INTITULADA

America Latina, Hespanha, Portugal

CUJA DIRECÇÃO FOI CONFIADA AO SR. HOMEM CHRISTO, FILHO

AGENCIA EM

LISBOA

NA REDACÇÃO DA

IDEIA NACIONAL

RUA DA EMENDA, 45 R/C

ONDE SE RECEBEM ANUNCIOS E PARA ONDE DEVEM SER DIRIGIDOS TODOS OS PEDIDOS DE ASSIGNATURAS * * *

L'ECLAIR

INDICAÇÕES UTEIS

RUY COELHO lecciona Harmonia, Contra ponto, Fuga, Instrumentação, Composição e Piano.

DIRIGIR CORRESPONDENCIA PARA

+ R. DA EMENDA, 45 r/c +

LITOGRAPHIA MATTA

DE

ROSA & FERREIRA, LIMITADA

RUA DA MAGDALENA, 82 a 70

LISBOA

TELEPHONE 3623

Trabalhos a côres e em relevo pelos processos mais modernos

Esta officina, devido á sua magnifica montagem e a pessoal bastante habilitado, rivalisa com todas as suas congéneres.

BOLOS

CREMES

SÓ FICAM PERFEITOS EMPREGANDO A FARINHA

PASTEIS PUDINGS

MAIZENA

DURYEA

NATIONAL STARCH COMPANY

NEW YORK U. S. A.

À VENDA EM TODAS AS BOAS MERCEARIAS

REIS TORGAL

ADVOGADOS,

RUA NOVA DO ALMADA 80-2º

OBJECTOS D'ARTE ANTIGOS E MODERNOS

MOBILIARIC

PORCELANAS
ESTATUETAS
JOIAS
QUADROS

MIRANDELLA

RUA SERPA PINTO, 6

✻ LISBOA ✻

Herbert Esteves & C.^a

REPARAÇÕES GARANTIDAS EM MAQUINAS DE ESCREVER, DE CALCULAR, CAIXAS REGISTRADORAS, ETC.

MAQUINAS RECONSTRUIDAS DE TODAS AS MARCAS

TLF. 2309

CAES DO SODRÉ, 10

MAISON PARISIENNE

262, RUA AUREA, 264

LISBONNE

GRANDE SORTIMENTO EM AMENDOAS NACIONAES E EXTRANGEIRAS * * * *
CARTONAGENS E CORBEILLES * * * *
DEJEUNERS ET DINERS

TELEPHONE CENTRAL 1477

Telegrammas (Iman)

Lima Netto, Moura & Comp.^a

CAMBIO PAPEIS DE CREDITO

Rua dos Retrozeiros, 100 a 106
esquina da Rua dos Sapateiros, 1 e 3

Telephone 3844

POUPÉE ARTISTIQUE

BONECOS INQUEBRAVEIS, RIVALISANDO COM OS DOS MELHORES FABRICANTES ESTRANQUEIROS.

E. B. GOMES

R. CORREIROS, 15, 2.º

LISBOA

JULIO MIRANDA

NOVIDADES PARA HOMEM

LISBOA

ROCIO, 16

MAISON BLANCHE

ROUPARIA BRANCA PARA SENHORA

TELEPHONE 735

?